Histórias de vida surda: Identidades em questão
Publicado em 1998
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
Autor(es): Gladis Perlin

Resumo

Desde que surgiram os estudos culturais, a identidade surda tem sido reespacializada e reinvestida em novas formas. Não é mais a visão do indivíduo surdo sob o ponto de vista do corpo, da normalidade. É o sujeito surdo do ponto de vista da identidade. A identidade não é em uma visão que "universaliza" o sujeito. E trata o sujeito na alteridade e na diferença representável dentro da história e da política. Diante desta possibilidade, a pesquisa foi feita no sentido de se olhar as histórias de vida de surdos, questioná-las, perceber e refletir sobre suas resistências e chegar à política da identidade surda. Talvez eu não tenha conseguido perceber, neste trabalho, todas as nuanças que estão implicadas na temática da identidade surda e comunidade, mas as identidades surdas representadas estão aí para que questionem as pesquisas ainda pouco realizadas dentro da perspectiva dos estudos surdos.

Apresentação

Ao iniciar a apresentação deste trabalho, penso ser importante contar um pouco de minha história de vida, declarar minha identidade e dizer que foi através de minhas vivências como surda, mulher, gaúcha, que cheguei até um curso de pósgraduação e, mais especificamente, a interessar-me em investigar as identidades surdas [1] sob a perspectiva dos estudos surdos.

Saliento que este trabalho representa um longo e sofrido processo pessoal de construção e desconstrução de valores, conceitos, visões de mundo, cultura, língua, etc. Toda a reflexão aqui contida, foi o resultado de leituras novas, que me fizeram pensar o sujeito surdo relacionado com referenciais móveis constituídos pelos discursos. As relações que tento fazer nesta pesquisa transitam por muitos aspectos, tais como: as subjetividades, as identidades culturais, as relações desiguais de poderes que se interpelam e se narram cotidianamente.

O compromisso que tenho com a comunidade que pertenço, assim como com a academia, exige de mim uma postura transparente. Devido a este fato é que peço, aos interessados neste trabalho, que o leiam não na busca de verdades e de soluções de problemas sociais e culturais, mas como um discurso datado e localizado no tempo, na história e na cultura surda. Também, quero aproveitar o momento para dizer que o texto presente não deve ser lido a partir de exigências gramaticais muito rígidas mas, sim, respeitando o meu esforço, sem ter escolha, em tentar escrever uma dissertação dentro de uma língua que não me pertence. Sou surda, minha língua é a de sinais, meus pensamentos não correspondem à lógica do português falado e escrito.

Minha surdez não é nativa. O encontro com a mesma se deveu a uma meningite na infância. A minha vida de surda propriamente se passou em grande parte entre os ouvintes, poucas vezes com os surdos. Atualmente procurei um lugar para viver entre os

surdos como muitos de nós fazemos. Mesmo assim, como sempre, existem e continuam a existir situações de convívio com ouvintes. O que tem de ruim nisso é que os ouvintes falam e a comunicação visual, na paisagem de seus lábios, é quase sempre mínima. A comunicação existente entre as pessoas ouvintes me deixa assustada. É difícil compreender o que transmite seu pensamento através de lábios que se movimentam com uma rapidez, terrivelmente louca. Observo os lábios com atenção e consigo entender algumas idéias, mas, na maioria das vezes, desanimo pelo cansaço e pela chateação que me invade por não conseguir ter uma noção correta das mensagens dadas. Aí vem de novo o sinal de sensação da eminente exclusão na comunicação com os ouvintes. Não há saídas a não ser quando se tem um intérprete perto.

Os interpretes de língua de sinais representam para os surdos a possibilidade de comunicação com a língua auditiva, de dizer nosso pensamento aos ouvintes que não nos conhecem, de contar histórias, de negociar com sujeitos que nem sempre ousam se aproximar temendo a dificuldade na comunicação. O intérprete também conhece a fundo a pessoa surda, as crenças e práticas de sua cultura, e da comunidade, conforme o testemunho da atriz surda Laborit (1994, p. 194): “tenho minha intérprete, Dominique Hoff, aquela de sempre, aquela que me conhece de cor e salteado, que adivinha pelo primeiro sinal o que vou dizer”. Nada como um intérprete assim, quando a tradução resignifica corretamente o discurso e ela assume. a novidade de sentido. Mas, nem todos os ouvintes interpretam da mesma forma, alguns consideram o surdo uma minoria excluída a quem é preciso reduzir, transformar o significado das mensagens; outros há que não entendem a mensagem e interpretam, erradamente, a seu jeito.

Como a, a vida é melhor entre sujeitos surdos, eu queria ampliar minha visão sobre esses parâmetros. Há muitas situações da vida onde é necessário dizer uma ou muitas palavras a respeito do ser surdo. A idéia de fazer mestrado parecia o início. Na preparação para a prova de seleção foi rápida, mas providencial. Era preciso pedir um intérprete para o momento; depois, pedir para que, na correção da prova, a escrita do surdo fosse aceita. Para mim foi uma vitória muito grande quando isso tudo se tornou possível. Como disse, no mestrado, as aspirações de minha busca eram pela pesquisa que levaria ao sujeito surdo dentro de uma visão cultural.

O encontro com o programa de pós-graduação oferecia uma linha de pesquisa que não vinha ao encontro de minhas expectativas como aprendiz de pesquisadora, pois esta via o surdo sob a ótica clínica. A forma como a abordagem da pesquisa se desenvolvia não me atraia. Era algo que batia de novo naquilo que me faria viver na eterna exclusão. Eu lutava por sobreviver na diferença. Não podia admitir uma visão clínica do surdo, o surdo como deficiente. Percebia-se com os colegas que não havia contentamento em se persistir numa pesquisa onde o espaço da consciência social do surdo não tinha cabimento. Muitas vezes, implicações e conflitos aconteciam com os professores e com alguns colegas que não conheciam mais a fundo aspectos culturais implicados na vida do surdo. Doía que a pessoa surda não era vista como um sujeito. Incomodava-me a forma como contavam o surdo. Era necessário fazer uma virada, era necessário fazer acontecer uma mudança.

Um dos fatos que marcou minha trajetória dentro da pós-graduação, foi quando uma das professoras, de uma disciplina feita por mim, que não “conhecia” os surdos, iniciou um trabalho, via internet, com a finalidade de melhor se comunicar comigo. Penso que a sua visão a respeito do surdo mudou depois de iniciar-se este nosso contato. Ela, bem como

os meus colegas de disciplina, através das trocas de diálogos virtuais, fundamentados principalmente em Piaget e Bakhtin, começaram a ver a importância da constituição cultural para o surdo.

A vinda do professor visitante argentino Carlos Skliar foi providencial para a mudança. Sua presença possibilitou uma orientação para um adentramento no programa dos estudos culturais da surdez. Isso trouxe uma visão diferenciada para contrapor à visão clínica da surdez, presente no meio acadêmico. Assim, foi acontecendo a mudança.

Como usuária da língua de sinais [2], para mim, o direito a intérprete particular foi a outra nova mudança. Podia finalmente acompanhar as aulas e expor minhas idéias, no curso de pós-graduação, sem depender das colegas mestrandas que trabalham na mesma linha teórica dos estudos surdos. Através do intérprete fiquei surpresa com a variedade e profundidade dos temas discutidos na academia, aos quais até então, não tinha acesso. Foi a partir dessa conquista que pude escolher a abordagem teórica com que melhor me identifiquei para trabalhar no mestrado.

Muitos temas fascinantes surgiram através do contato com o professor Skliar e com o grupo dedicado a investigar os estudos surdos. Tão intensa foi a procura de novos caminhos que o grupo organizou o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos - NUPPES. Temas como: identidade, comunidade, cultura, história e arte são discutidas e pensadas.

De minha parte, como integrante da equipe da linha de pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos, reconheço que enfrento a concepção radical das epistemologias norteadoras da produção do conhecimento. Sou constituidora de uma outra língua que não é a dos ouvintes e a minha produção é constituída de signos visuais e não auditivos. Para mim, a produção de sentido acerca dos significantes se dá na cultura visual.

Por ser surda, sinto que geralmente necessito de uma reflexão cultural que considere implicações que a perspectiva crítica tem a oferecer para repensar as identidades culturais, entre elas incluo as identidades surdas em transformação. Reconheço a dificuldade de encontrar uma linguagem apropriada para transpor o que quero dizer epistemologicamente, e mesmo o que os surdos querem dizer, fugindo de uma retórica ouvintista [3].

Reconheço que estou influenciada pela discussão cultural da surdez, onde os movimentos sociais são sempre questionados, repensados, construídos e desconstruídos. Nesse aspecto assumo a subversão da ordem na busca do direito a mudanças dos contextos onde a cultura surda se manifesta.

Ao longo do trabalho busco mostrar como a minha vida está implicada na minha escolha de pesquisa. Ao fazer o recorte temático e teórico da pesquisa, busco refletir sobre as identidades dos sujeitos surdos que vivem em comunidade. Aqui o ponto central do problema é o sujeito surdo atuando na história, a sua identidade e a sua trajetória no mundo hoje.

Minha leitura das identidades surdas enfoca a necessidade de acompanhar na história o trauma que seguiu o surdo, bem como os seus testemunhos, e, aí, pensar as formas e

forças de identificação. As questões de pesquisa foram surgindo durante o contato com os surdos e na leitura da teoria. Tracei também objetivo da pesquisa no tempo que tentava olhar as identidades. Os sujeitos surdos com os quais tenho contato no dia-a-dia estão presentes na minha pesquisa, e, igualmente, entra sua pertença à comunidade surda.

1. Introdução

1.1 A Pesquisa

A idéia de fazer essa pesquisa foi tomando corpo no período em que me detive acerca dos estudos culturais. Fortaleceu-se com a constante necessidade da comunidade surda em afirmar as identidades. Houve muitos momentos em que fui convidada a falar sobre a vida do surdo. Pouco tinha a dizer.

Nas investigações já realizadas a respeito do surdo, fica claro que há um distanciamento entre as abordagens. Algumas focalizam o surdo do ponto de vista da audiologia e outras sob o ponto de vista da lingüística. Poucas se referem ao surdo na sua totalidade cultural. São abordagens epistemológicas radicalmente diferentes.

A esse respeito, entre os temas surgidos no aprofundamento nos estudos culturais, surge uma fragmentação que produz significados marcantes contra a secular jornada de estigmatização da surdez, incansavelmente propagada pela audiologia, e contrária à alteridade surda. As rápidas e profundas mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas em que nos achamos mergulhados requerem, também, um olhar sobre o surdo. É preciso desconfiar das bases que contém as promessas e esperanças nas quais nos ensinaram a acreditar. É preciso sair dessas bases para examiná-las e criticá-las.

Animava-me a escolha de um tema que aproximasse o ser do surdo, o surdo como sujeito, sem cair na armadilha da medicalização. A descoberta do surdo como sujeito levou-me a pensar em tomar as identidades surdas como ponto de partida para a investigação.

A reflexão que assumo sobre as "identidades surdas" visa, antes de tudo, discutir o que as constitui e problematiza em diferença às demais identidades.

O propósito foi explorar um conjunto de experiências pessoais vividas pelos surdos e interpretá-las no esforço arqueológico para discutir, qualificar, aclarar suas implicações e conseqüências, e proporcionar esperanças à tensão atual das identidades surdas.

Para atingir meus propósitos procurei organizar a reflexão em formas de perguntas guias. Algumas das perguntas que fiz durante a pesquisa foram:

- Existe uma identidade surda?
- Que é ser sujeito surdo?
- Como se constituem as identidades culturais dos surdos?
- Quais são os fatores que colaboram com o surgimento de múltiplas identidades surdas?
- Como se constituem as identidades surdas dentro da comunidade surda e como elas se organizam em relações de poder?

- Qual o discurso ouvintista sobre os sujeitos surdos na história?

Estas perguntas são uma amostra inicial de uma série de questionamentos que surgiram no decorrer deste trabalho. Muitas delas encontram-se sem caminhos, pois não quero comprometer-me em apontar verdades absolutas que não possam ser questionadas por outras visões.

Nem tudo é história, mas existem possibilidades de história nas experiências dos surdos. As possibilidades que percebi procuro trazer para o texto de uma forma ilustrativa. Com isso, quero dizer que não discuto os dados da pesquisa em um capítulo separado, pois penso que se o fizesse estaria indo de encontro à perspectiva teórica que utilizo. As associações que faço não acontecem separadas do contexto, mas ocorrem simultaneamente nas minhas leituras e construções sobre meu problema de pesquisa.

Passo, agora, a falar das divisões que fiz, na ânsia de organizar minha conturbada trajetória de pesquisadora surda, produzindo esta dissertação.

No Capítulo I escrevi uma exposição teórica como suporte e base para todos os outros capítulos. Minha leitura das identidades surdas sugere que o ponto de observação do sujeito surdo com corpo mutilado deve mudar de lugar para encarar o aspecto cultural. É importante a orientação teórica efetuada através das leituras onde estudo e relaciono a identidade: Stuart Hall (1997) e McLaren (1997), Bhabha (1994); bem como a concepção do poder em Foucault (1995).

O Capítulo II nota que um resgate da história é importante porque dentro de uma pesquisa nos estudos culturais a história aponta diferentes discursos sobre os sujeitos. A importância de resgatar a história do surdo, está em marcar as diferentes interpretações feitas do surdo em diferentes épocas e lugares. A respeito disso resgato Fischer (1996, p.55) quando diz:

Foucault é quase teimoso na sua afirmação e reafirmação de que os discursos são históricos, não só porque se constroem num certo tempo e lugar, mas porque têm uma positividade concreta, investem-se em práticas, em instituições, em um número infindável de técnicas e procedimentos que, em última análise, agem nos grupos sociais, nos indivíduos, sobretudo nos corpos.

A história está aí. Ela permite um olhar sobre sujeitos e movimentos de forma nova. Isso pode acontecer se os “óculos” 4 que escolhi realmente me ajudam a ver.

Entre os autores, uso Hall (1997) para elucidar a teoria dos descentramentos do sujeito surdo; uso Skliar (1997), Widell (1992), Quadros (1997) e Souza (1998), para apropriar de uns respingos e dar uma pequena visão do surdo na história.

No capítulo III me interesso por questões como identidade, diferença, ouvintismo, movimento, resistência, o ser surdo existente na comunidade surda. Cito alguns autores entre os quais destaco Hall (1997), McLaren (1997), Foucault (1995), Skliar (1997) e Quadros (1997). Todos os olhares maravilhosos que eles realizam me servem como enredo para a identidade. De qualquer forma é melhor estudar a identidade num contexto de movimento ou dentro de uma política de identidade.

Assim, o que está em questão são os estudos surdos que surgem. Identidade é apenas um início da questão desses estudos. Penso apenas que, em relação aos estudos surdos, fiz mais perguntas do que afirmações, neste campo marcadamente político.

1.2 O Método

A emergência dos grupos cultural de nosso tempo requer que o olhar sobre o sujeito surdo seja feito de forma a confiar e desconfiar dos depoimentos que nos legou a história. Vejo que é preciso, antes de tudo, sair dessas bases históricas, olhar a história e o cotidiano dos surdos, examiná-las e, a partir daí, exercer uma metodologia crítica.

O contexto, assim delineado, não requer uma pesquisa quantitativa, mas sim qualitativa, descritiva e crítica.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos aleatoriamente. Eles são sujeitos da comunidade surda. Não escolhi de forma que eles se enquadrassem em categorias. São os sujeitos surdos atuais: estudantes, desempregados, trabalhadores, profissionais, surdos sem escolarização... Alguns são sujeitos surdos que militam pela sua causa, outros vivem na passividade de suas vidas. Não importa isso, importa o sujeito surdo na sua totalidade, no seu conceber do “ser surdo”. O encontro com o surdo se dava ao acaso. Eu os encontrava ou vinham à minha casa e os convidava para um momento descontraído em que pudessem se sentir à vontade para falar sobre como se sentiam.

Na pesquisa sobre as identidades, não conversei com os surdos a partir de um questionário pré-elaborado. Tudo girou em torno do deixar o surdo falar a respeito de sua história surda. Entram somente algumas perguntas, que surgiram informalmente, conforme o andamento das colocações das experiências surdas, no sentido de auxiliar a elucidação da história que ia sendo contada em sinais pelos surdos.

As entrevistas e os depoimentos dos surdos filmados foram em língua de sinais. Muitas delas ficaram extensas, pois várias histórias surgiam no decorrer da conversa descontraída. Todo o conteúdo transcrito foi feito de forma a não alterar os depoimentos, porém confesso que tive dificuldade para traduzir para a língua escrita, muitos dos sinais cuja transcrição somente pode ser feita de forma aproximada.

1.3 O Cenário

Para organizar a investigação dos aspectos da identidade dos surdos, optei pela comunidade de Porto Alegre presente em diferentes locais: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos [5], Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul [6], e as diversas Escolas. Todos os surdos entrevistados conhecem as práticas da comunidade surda e seu movimento.

O cenário composto pelos ouvintes, igualmente, entrou na pesquisa, sendo citado nos depoimentos dos surdos. O cenário ouvinte é bem amplo, possui características próprias que descrevo durante os diversos capítulos.

A comunidade está atravessando uma fase de mudanças. Na falta de uma força, de um local para despertar a política participativa dos surdos foi surgindo o organismo regional da FENEIS. O movimento, atualmente participa, na luta pelos direitos humanos e se

refere a quatro grandes temas que envolvem a vida surda: cultura, educação, trabalho e desenvolvimento urbano. Já em seu terceiro ano de experiência, a FENEIS está emergindo como força representativa do movimento surdo.

As muitas festas dos sujeitos surdos acontecem na casa dos surdos. Esta é uma tradição, a casa dos surdos é o lugar onde todos nos sentimos bem por estarmos longe do poder ouvinte. O local onde se desenvolveram as entrevistas sobre identidade surda foi a minha casa e não poderia ser outro. Como se trata de uma pesquisa que é feita entre um reduzido grupo de pessoas, achei bom não mencionar características particulares dos entrevistados. Todos eles são designados por letras, sem ser a inicial do nome, salvando a privacidade pedida por alguns dos surdos entrevistados.

2. Capítulo I
O tema da identidade

Quando me lancei na tarefa de escrever este capítulo pensei nas razões que me levaram a focalizar o tema da identidade. Saliento minha tentativa de ver como a identidade se apresenta e como acontece a sua vinculação com o sujeito, numa tensão onde interferem o ambiente e o poder.

A existência de representações da identidade hegemônica (ouvinte) sempre se faz presente e interfere no diferente. Neste sentido, diante da representação dominantemente presente da identidade ouvinte, a identidade surda é levada a ser vista como uma identidade subalterna.

Em uma concepção de alteridade, o surdo não é visto de forma subalterna, mas como um sujeito político que se constitui a partir das representações sobre a sua diferença.

A identidade surda precisa, no entanto, ser procurada na diferença, para além de um conceito redutor, o da subordinação. Precisa, por exemplo, ser procurada numa concepção de diferença e de resistência.

1.1 Emergência do termo

O sujeito se constrói quando estabelece contatos com o meio e vive situação diferenciada de representação. Os discursos que constituem as representações definem poderes desiguais que ocupam diferentes espaços e controles dentro de grupos. Michel Foucault (1990) reflete sobre as relações de poder que ocupam lugares diferenciados. Vejo a situação dos surdos, a partir do que me permito pensar, nesta perspectiva.

Os surdos possuem identidade surda. Porém se apresenta de formas diferenciadas, pois está vinculada à linguagem. A linguagem não é um referente fixo, pois é construída a cada interpelação feita entre sujeitos. Seus sentidos variam de acordo com o tempo, os grupos culturais, o espaço geográfico, o momento histórico, os sujeitos, etc. Silva (1994, p. 249) diz: "*a linguagem é encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocadamente amarrada*".

Não tendo uma base fixa de referência para explicar a identidade, parto do princípio de que é possível ver a comunidade surda de uma forma plural, onde as identidades que

surgem no grupo são negociadas entre seus membros e com a história que cada um deles possui.

A constituição da identidade dependerá, entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive. Um surdo que vive junto a ouvintes que consideram a surdez uma deficiência que deve ser tratada pode constituir uma identidade referendada nesta ótica. Mas um surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir sua identidade. A identidade nos meios culturais sempre foi afetada por um ou outro poder de controle em tempos e espaços determinados.

Hall (1997) distingue três concepções muito diferentes sobre a identidade. Tais concepções merecem ser trazidas para este texto antes de eu entrar, mais especificamente, com a minha reflexão. As três concepções são: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico, sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou " idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo.

O mesmo autor ainda acrescenta que "*o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino*". Nessa concepção, a representação da identidade do sujeito no iluminismo - como tão bem retratam as artes desse período - o reportavam a ser o sujeito imponente e masculino, portador de poderes, senhor, normal, capacitado, culto... Não havia lugar a o sujeito dito selvagem, para construir sua identidade, a não ser que ele o fizesse dentro do padrão de representação da cultura dominante. Isso deixa claro, igualmente, que no iluminismo não havia lugar para o sujeito plural e cultural, visto que as identidades se moldavam dentro de uma representação única.

Uma outra concepção de identidade em Hall (1997, p.11) é a do sujeito sociológico.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava.

A concepção do sujeito sociológico descrita por Hall demonstra sem dúvida, uma visão um pouco mais ampla sobre a importância do social para a formação do indivíduo. Apesar de admitir a influência do social na vida e construção do sujeito, esta concepção não abandona a idéia de essência. O indivíduo possui uma essência, seu "Eu" que pode ser modificado, lapidado pelo mundo exterior. Nesta, muitas justificativas são estabelecidas quando a sociedade se depara com as diferenças crescentes. Por exemplo, a exclusão dos surdos do mercado de trabalho, poderia ser explicada da seguinte forma: o surdo não foi suficientemente estimulado pelo meio em que vive para conseguir disputar o mercado de trabalho. Este é apenas um exemplo, que posso mencionar, entre diversos outros que se utilizam da influência do social na formação do indivíduo. Segue o depoimento feito por uma pessoa surda de 26 anos, com II grau, que reflete esta concepção do sujeito.

Não sei como me descobri surda. Acho que ser surda é uma conseqüência normal que somente se descobre a diferença com o tempo. Eu sentia o silêncio do ser surda. Creio que aconteceu por acaso.

Negavam-me os contatos com LIBRAS, eu e minha irmã também surda fomos oralizadas. Tínhamos pouquíssimos sinais, nos comunicávamos através de mímica. Era uma comunicação pobre. Sentia que eu e minha irmã falávamos com os ouvintes e não éramos entendidas.

Atualmente sinto raiva quando não entendo e não sou entendida. Acostumeime a ser surda. Meu sonho é ser ouvinte, o que gostaria muito. Me sinto com crises de nervosismo e tensão por ser surda. Isso me deixa desnorteada, revoltada pela situação. Sonho sempre em ser ouvinte. Sinto-me triste por não poder ir mais longe. Sinto que estou numa loucura para poder ser ouvinte.

Gostaria de ouvir música, tenho vontade de comunicar-me pelo telefone.

Sinto que poucos me aceitam como surda. Quando estou com ouvintes não agüento. Eles começam a falar entre si e eu tomo uma atitude qualquer, ou peço licença para ir fazer outra coisa.

P. Em tua família acontece a pressão para falar como o ouvinte? *Sim. Chamei de Popi meu cachorro. O nome dele é Bobi. Minha mãe insistiu em corrigir-me até que eu conseguisse pronunciar bem o nome. "Fale certo, por favor" é a frase que tenho de ver sempre em seus lábios. Apesar de minha idade, ela diz que eu tenho necessidade de aprender muitos fonemas. Quando minha irmã se formar vai me ensinar a oralizar certo (F.).*

A representação da identidade neste caso está presente no modelo de identidade sócio cultural hegemônico: o modelo ouvinte. A mãe e a irmã dessa pessoa surda são "normais", representam o modelo presente e buscam impô-lo a filha e irmã. O modelo sociológico de identidade, em minhas interpretações também fundamentado em uma vertente iluminista, sugere que são importantes os estímulos externos para o desenvolvimento da identidade ouvinte no surdo. Claro que o desenvolvimento concebido para o surdo, neste caso, passa pelo referencial do domínio da fala e de estímulos sonoros da audição - as duas irmãs usam aparelho de audição desde pequenas -. Este é um exemplo onde o modelo de identidade usa o aprendizado oral para o surdo. O modelo sociológico se mistura ao modelo oralista onde sobressai o ouvintismo. Muitos ouvintes acreditam no desenvolvimento do surdo somente se este estiver rodeado de estímulos de fala e sonoros.

A terceira concepção de identidade colocada por Hall (1997, p.13) refere-se a:

O sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A partir da interpretação que faço de Hall (1997), é possível a exploração das identidades do sujeito surdo. É possível conceber uma visão situacional do sujeito

surdo. Para uma concepção do sujeito surdo como portador de identidades culturais, preciso vê-los dentro da diferença. Está na diferença, na maleabilidade das representações, as possibilidades da construção e desconstrução das identidades surdas.

Sou simpática à idéia de Stuart Hall (1997) de que as identidades são descentradas e que poucas persistem nos termos de centralização. A concepção de descentramento alude ao fato de que o iluminismo traçou um modelo de pessoa perfeita que deveria ser almejado por todos. Concebo que a tradição iluminista continua viva e que os traços do pós-estruturalismo bombardeiam diariamente todos os redutos do iluminismo, constituindo um novo quadro para as identidades, descentrando-as.

Trata-se de dizer que o sujeito descentrado assume múltiplas dinâmicas e múltiplas culturas na formação de sua identidade. O desafio que existe é o de como examinar essas identidades ou quais relações de poder estão envolvidas na sua constituição. Esta uma é problemática que algumas vezes será abordada neste estudo.

Dentro dos Estudos Culturais em Educação, a emergência do termo da identidade surda assegura seu lugar ao tentar mudar as conjunturas históricas e discursivas. Minha leitura do discurso autoritário ouvinte sugere o ponto de intervenção de mudar de imagens e voltar o olhar para o poder ouvinte que mantém a cultura surda na subalternidade. Isso implica consequentemente numa identidade surda subalterna ou subordinada. A importância de resgatar o assunto identidade dentro da visão dos estudos culturais na alteridade, acentua a forma de se olhar o surdo não como corpo mutilado, ou descapacitado, mas como sujeito cultural dentro de uma questão de alteridade.

1.2 O encontro com a alteridade

Quando me interessei por questões sobre a identidade, precisei procurar uma linguagem que me adentrasse na própria descrição do termo. O encontro com os autores pós-estruturalistas me possibilitou encarar a identidade surda a partir de uma perspectiva política, colocando as relações de poder no centro da discussão. Para mim este olhar inquieto é uma reviravolta.

Bhabha (1994, p.180) reconhece a alteridade através da cultura:

A alteridade cultural funciona como o momento da presença na teoria do différence. O destino da não satisfação se encontra preenchido pelo reconhecimento da alteridade como um símbolo (e não signo) da presença da significância do différence. A alteridade representa o ponto de equivalência ou identidade num currículo no qual o que necessita provar os limites é assumido. Nega-se qualquer conhecimento da alteridade cultural enquanto um signo diferencial, implicando condições especificamente históricas e discursivas solicitando uma construção de práticas e leituras diferentes.

Entendo, a partir de Bhabha (1994), como a alteridade sugere estratégias que permitem aproximar a dependência e a resistência culturais do sujeito surdo. Neste ponto entram aspectos específicos do surdo: a história, a questão lingüística da estrutura da língua de sinais, a necessidade de comunicação visual, o sinalizar das mãos, a arte, a educação específica. Todos estes signos/significados que constituem a identidade, constituem-se como símbolos para a produção de sentido do sujeito possuidor de identidade surda. No entanto, esses significados são alternativas que aproximam o específico surdo. Um

encontro com estas especifidades que representam a produção da identidade surda, deixa um rastro de sentido para a pessoa surda. E a pessoa surda segue essas especificidades, encontrando-se. Essas especificidades prenunciam a pessoa surda que "ser surdo não é algo vazio", é indício de uma totalidade significativa.

A surdez física não interessa em minha pesquisa, pois, ao ser uma visão patológica ou medicalizante, é uma questão delicada e totalmente diferente. É uma questão destituída de sentido quando se trata da representação na alteridade. A surdez física está representada socialmente pelo corpo mutilado e que leva consigo a necessidade da integração, o estereótipo e a normalização.

Segue o depoimento de uma pessoa surda, onde se pode ver o a confluência de significações que são constantes dentro da representação surda e da representação ouvinte. Assim, eu precisaria ver a necessidade surda, entrar nas linhas cara-a-cara com a constituição do sujeito surdo. Eu vejo neste desabafo do surdo a representação hegemônica da identidade ouvinte e me sinto responsável pelo surdo, por resgatar sua identidade e alteridade. Estamos agora diante de R., 30 anos, mulher, surda, que faz o depoimento de forma a dizer: "você está aqui me escutando".

Minha vida se passava na escola -internato. Nas férias, a volta para a família dava a sensação de falta de comunicação. Tinha me acostumado aos surdos. Não combinava mais brincar com ouvintes. Eram outros sinais, novas relações e eu tinha de usar nova forma de comunicação que não a LIBRAS. Era comunicação em mímica, eu tinha que respeitar a forma de entender de cada pessoa. Era preciso paciência para ensinar os sinais e nem sempre eram aceitos os sinais. Havia o diálogo oral e os sinais não tinham grande significado para os ouvintes.

Acertava fazer compreender alguma coisa do que estava sendo dito. Era tão arriscado e quase sempre certo que iria errar o que queria transmitir e que iria ter uma captação errada do que os outros iriam me transmitir. Era preciso paciência nas brincadeiras com os ouvintes. Acostumada ao jogo com os surdos, o jogo com os ouvintes não compensava, não tinha graça, não chegava a certas expressões necessárias. Perdia assim o gosto de brincar com ouvintes. Sentia a repulsa dos ouvintes em brincar comigo.

Minha irmã, ouvinte, quase de minha idade, vinha sempre em socorro nessas situações difíceis. Era mais fácil com ela. O brincar entre surdos tem o sinalizar, o brincar entre ouvintes tem o oralizar que eu não entendia. Entravam em nossas relações sinais sem força, sem graça. O entender surdo não se engaja ao entender ouvinte. Os humanos podemos chegar as mesmas concepções mas através de forma visual ou auditiva. Eu penso estas formas visual e auditiva constituídas de formas diferentes com signos diferentes. E a comunicação com os ouvintes no brinquedo era cortada por períodos de não entender, uma comunicação difícil de entender, descontínua pela necessidade de potência visual. Perdia fácil a proposta do líder (ouvinte) do brinquedo. O que é proposta surda dentro do brinquedo é fácil entender, o que é proposta ouvinte não tem tradução visual. As vezes o ouvinte falava e eu fingia entender o que dizia. Não há como falar e ouvir o ouvinte.

Sofri a convivência com ouvintes. Abandonei-a e hoje vivo somente entre surdos. Não tenho vontade de voltar a viver entre eles, não preciso disso. Detesto estes "chatos"

ouvintes que somente oralizam e que precisam ser interpretados.

Os ouvintes tem lá suas discussões, não as entendo, eles "brigam" verbalmente. É difícil entendê-los, mesmo na tradução recebemos uma interpretação resumida do que foi dito, visto que a tradução portuguesa para nossa língua é mais resumida. Para mim o falar surdo é mais específico, quando ele sinaliza, tem mais detalhes. O problema também é do intérprete que não consegue captar. Alguns dão uma interpretação aproximada, outros não chegam a ser intérpretes, apenas sinalizam numa linguagem que não combina dentro de nossa cultura (R).

Esse processo de identificação do pensamento surdo se faz possível através da alteridade. O que é importante para a constituição da identidade é importante para a comunidade surda. Se toda identidade cultural tem uma história, também o processo de história da comunidade surda foi sendo modelado quando era modelada a identidade surda. O encontro com a alteridade é o sinal específico para a constituição de diferentes identidades. Na comunidade surda esse encontro com a alteridade se torna uma necessidade constante. Na cultura surda a alteridade vai se constituindo, entre outros aspectos, a partir da construção da identidade.

1.3 Santuários para a identidade

Existem locais determinados onde tramita a identidade surda e minha tendência é chamá-los de locais de transição.

Qualquer criança ao nascer mergulha num mundo repleto de discursos ou construções de pensamentos que compõem redes de poder . Esses discursos denominam, constróem e são construídos por sujeitos que estabelecem lugares para serem ocupados. Behares (1997, p. 43), já identifica o mundo que espera o sujeito surdo: "*o filho surdo de ouvintes começa a ser nomeado mesmo antes de nascer, sem que seus pais saibam que será surdo*". Toda criança surda, o jovem, ou adulto, que ficou surdo em decorrência de tempo, já pode participar do: "*ser surdo é ser nomeável para a identidade surda*". Nesse ponto posso distinguir 3 locais de transição da identidade.

Nos *meios sociais ouvintes*, persiste a idéia pré-ordenada da representação iluminista do normal, do perfeito, do ouvinte. A sociedade, a família, a escola, seguem traçando outras representações para o surdo que são colocadas à prova de qualquer contestação. Para adentrar este meio, a pessoa se depara com conceitos, valores e significados estabelecidos a partir de uma época, história, situação social, etc. Quem adentra neste meio é tocado pela multiplicidade de valores, conceitos, identidades, representações e se modifica, adquirindo o saber em sua forma de representação.

Um dos pontos mais cruciais da relação vivida neste ambiente é entendido por Behares (1997, p. 43) quando se refere às quebras constantes no diálogo surdo-ouvinte:

Quando os falantes não sabem a mesma língua e, segundo o imaginário, se obstrui todo livre fluir do interjogo discursivo de abrir e fechar polissemias ao longo do diálogo, geram-se quebras. Quebras no sentido de que sobre o mal entendido inerente a opacidade da linguagem se entrecruza outro mal-entendido que se ancora na impossibilidade de manter a ilusão de que se está falando e escutando o mesmo, de que cada um é dono do que diz e de que compreende ao outro ao mesmo tempo em que é

compreendido. Dessa forma se produzem dois diálogos sem pontos de ligação possíveis, mas pontos de fuga nos quais a interpretação do outro dialógico que escuta não se toca com os marcos interpretativos do que fala gerando uma deriva interpretativa na qual não é possível levar o outro em conta.

A partir deste ambiente, a minha atitude não é apontar o dedo inquisidor para obrigação de treinar a audição e a fala no surdo, mas citar a presença de algumas ideologias, estruturas e mitos que ajudam a reproduzir a central dissimulação da cultura anfitriã.

Em uma das entrevistas feitas para o trabalho, com uma jovem surda de 23 anos, de classe média, estudante universitária, podemos testemunhar a superimposição cultural neste ambiente de que os surdos são "vítimas". Ela diz:

Cada vez que tiro o aparelho minha mãe insiste para que o reponha. Ela quer ver meu aparelho desde as primeiras horas da manhã até a hora de dormir. Às vezes esqueço o aparelho e o chuveiro o molha todo. Tenho necessidade de deixá-lo secar para depois usá-lo, mesmo assim minha mãe está insistido o tempo todo comigo.

É um aparelho que permite ouvir apenas ruídos. Não serve para a voz humana. Os sons humanos são ininteligíveis. É uma situação chata, uma audição cafona. Faço tudo para escondê-lo sobre o cabelo para que mamãe não o veja e assim não saiba se o uso. Às vezes o escondo para que ninguém o perceba. Apesar de meus 20 anos ela continua olhando todos os dias se pus meu aparelho. Muitas vezes me envolve num abraço e se sente falta do aparelho faz lá suas exigências. Outras vezes vai ver, no lugar de sempre se o aparelho está lá. Se não o encontra já sabe que estou usando. Mas ultimamente escondo-o. Ao sair de casa, o escondo onde ninguém o vê. Quero ter liberdade de não ouvir. Quero ser eu mesma (C).

Os surdos que vivem nessas condições de subordinação, parecem estar vivendo na terra do exílio. Têm dificuldade de encarar formas vitais para contentar a todos. Este é um ambiente em que vive a maioria dos casos dos surdos que são filhos de pais ouvintes. É o ambiente da cultura dominante. Ambiente da identidade hegemônica ouvinte.

O surdo pertence ao grupo das culturas subalternas. Portanto, há um local onde, o fato, o valor, a representação das identidades surdas está presente. Assim, sempre existe a busca dos locais onde possa encarar, aprender e usar instrumentos para ganhar o senso de encontro com sua identidade que emerge, se afirma e apaga fronteiras transgredindo os tabus identitários da cultura dominante.

O fracasso deste local de transição na representação para a constituição das identidades surdas faz com que o surdo continue fortemente buscando a rendição a uma outra representação de identidade. Assim surge o próximo, ou segundo, local de transição: a *comunidade surda*.

Creio que a consciência de pertencer a uma comunidade diferente é uma possibilidade de articular resistências às imposições exercidas por outras comunidades ou grupos dominantes. Sem essa consciência oposicional 7, o surdo viverá no primeiro ambiente, onde desenvolverá mecanismos de auto sobrevivência. A transição da identidade vai se dar no encontro com o semelhante, onde novos ambientes discursivos estão organizados

pela presença social dos surdos culturais. A aproximação dos surdos é o passo para o encontro com outras possibilidades de identidades surdas.

Este novo lugar de transição para as identidades surdas está em referência direta com o encontro surdo-surdo. A identidade surda é marcada por uma falta em relação ao outro surdo. Ela é reproduzida através de representação. Laborit (1994, p.119) situa com propriedade este encontro surdo-surdo onde se dá a troca numa atitude de transmissão cultural e identitária.

A grande diferença é quando um surdo se encontra pela primeira vez com outro surdo, eles contam pela primeira vez histórias de surdos, isto é de suas vidas. Tudo isso de um minuto para outro, como se conhecessem desde a eternidade. O diálogo é imediato, direto, fácil. Nada a ver com o dos ouvintes. Um ouvinte não avança sobre um outro logo. É preciso tempo para travar conhecimento. Montões de palavras para se dizer o que se quer. Eles tem uma maneira de pensar, de construir o pensamento diferente da minha, da nossa.

A aproximação dos surdos é o passo para o encontro com outras possibilidades de identidades surdas. Isso faz lembrar a história da águia cativa, descrita por Boff (1997, p. 18), que no encontro com outra águia diz: "*Teu espírito se misturou ao meu, como o vinho se uniu à água. Por este espírito, quando uma coisa te toca, me toca a mim também.*"

A partir de novas experiências compartilhadas dentro da comunidade surda, os surdos começam a narrar-se diferentemente. Ficam atentos para outras possibilidades e começam, através de outras interpelações, a ser representados por outros discursos que vêem os surdos como capazes e como sujeitos culturais. As múltiplas identidades, que surgem com os diferentes discursos presentes no grupo, começam a ser questionadas e rearticuladas neste ambiente. A diversidade de posições e de representações permite o estabelecer transitório de novas identidades surdas, fundamentadas nas diferenças.

Creio que a possibilidade de pertencer a uma comunidade diferente pode trazer outras representações que não estão voltadas para a incapacidade de ouvir, para o aparelho auditivo, para o disfarce da surdez através do comportamento de esconder a prótese por entre os cabelos, etc. A constituição de uma identidade surda distante da deficiência pode se dar no encontro com o "semelhante".

Como a questão da comunidade surda está muito presente neste trabalho, penso ser importante uma discussão sobre a mesma. Acho que esta reflexão, já encaminhada, deve começar pela própria nomenclatura "comunidade surda". O que leva as pessoas surdas a se organizarem em comunidades? Como se constitui esta comunidade? Como os surdos organizados em comunidade podem constituir novas identidades surdas? Como as identidades surdas são negociadas neste ambiente?

Padden, Humphries (1988, p. 3) usam naturalmente o termo "comunidade de pessoas surdas". O termo comunidade, no caso dos surdos, designa um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte; porém, entram outros elementos comuns entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte: nacionalidade, religião, governo,

raça e etnia. Todo este complexo não chega a definir a comunidade surda como autônoma, apesar da aceitação corrente do termo. Um outro pressuposto é a atribuição do termo cultura. Nem todas as comunidades surdas apresentam determinado índice de cultura. No Rio Grande do Sul, entre os meios ouvintes, quase não se acredita na existência de uma cultura surda. Comparando com outros países - onde a cultura surda é mais desenvolvida - nota-se que no Brasil esta cultura continua em espaços reservados, por exemplo na família, onde os genitores são surdos; no clube, onde nenhum ouvinte mete a mão, visto que "é do surdo", nos momentos de encontro de surdos, particularmente em festas. Língua, história e arte são os pontos e as produções mais originais para a identificação desses grupos.

Dentro das comunidades dos surdos se diferenciam a simples incapacidade de ouvir e a auto-identificação dos sujeitos como surdos. O grau de perda auditiva importa relativamente pouco. O que é importante, e o que é considerado como evidência básica para pertencer ao grupo dentro da comunidade identificada, é o uso de comunicação visual, não essencialmente a língua de sinais, mas a constituição de signos visuais na comunicação.

O depoimento de G., surda de classe média, é importante para ter uma visão a respeito da comunidade surda:

Nós sempre fomos levados pelas versões dos profissionais ouvintes. É bem recente a qualificação de comunidade, identidade, ouvintismo... Em outros países onde aceitaram melhor e muito antes de nós a língua de sinais e o ser surdo, isso é bem mais conhecido. A comunidade surda é mais rica. Na Dinamarca, na Suécia e nos Estados Unidos a multiplicidade de trabalhos e conquistas da comunidade surda é bem mais desenvolvido, eles tem um nível maior de manifestações, de materiais como arte e teatro e o movimento surdo é bem mais amadurecido.

Esse não é nosso caso no Rio Grande do Sul. Nós os surdos ainda nos consideramos excluídos, menores, inferiores. Desconhecemos que temos uma identidade, o que temos como pessoas surdas, e como grupo lingüístico e cultural. Agora é o tempo que os surdos estão tomando consciência. Provavelmente este tempo é o tempo em que trabalhamos sobre nós mesmos, começamos a discutir sobre nossa identidade, cultura e língua, auxiliados pelos surdos e ouvintes que se adentram em um pensamento de formas mais culturais (G.).

Os contatos que os surdos realizam entre si proporcionam negociações de diferentes representações de identidades surdas. Através das relações e trocas de um conjunto de significados, informações e comportamentos do tipo intelectual, ético, estético, social, técnico, mítico se caracterizam as identidades surdas presentes num grupo social que tem uma determinada cultura. Esta auto-produção de significados parece ser o fundamento da identidade surda: uma estratégia para o "nascimento" cultural.

Um *último* lugar de transição, ainda mais acentuado, acontece no movimento cultural anti-ouvintista dos surdos. Trava-se uma luta entre os surdos e pelos surdos, pela revitalização de um estilo de vida surda. Esse estilo de vida pode ser visto no ambiente do movimento surdo. Ele faz parte de uma luta com tentativa para conservar e garantir a identidade cultural do surdo.

Impossível falar aqui de identidade surda sem citar este local de transição: o movimento surdo, responsável pelo novo impasse na vida do surdo, pelo sentir-se surdo, em resumo, pela política da identidade surda. É no movimento surdo que se dá maior proximidade com o ser surdo cultural e político, onde surge uma proximidade dinâmica da identidade surda. O movimento nutre, entre outros elementos a política da identidade surda.

Também tenho, como dizem Rose, Kiger (1995, p. 3): ciência de que,

Na medida que os membros de uma minoria desenvolvem uma auto-imagem mais positiva sua percepção de justiça social muda. Seu senso de injustiça leva a revolta contra discriminação. Por exemplo, começando no fim dos 1980s, publicações direcionadas a comunidade surda... publicaram uma onda de artigos e cartas denunciando a discriminação na acessibilidade às telecomunicações, a exclusão de pessoas surdas de filmes e programas de TV, e imagens estereotipadas de pessoas surdas na mídia, entre outras.

O direito à vida, à cultura, à arte, à história, à participação política, ao trabalho, ao bem estar, leva a pensar uma esfera pública de luta central. Na verdade, não somente o movimento surdo, mas todos os movimentos sociais assumem caminhadas políticas. Mesmo que busque uma política voltada exclusivamente aos surdos, nem sempre o movimento se apresenta em sua totalidade.

A convivência nos movimentos surdos, aproxima a identidade surda do sujeito surdo. A união de surdos cria outras "nuvens" de relações que são estabelecidas em um parentesco virtual. Este parentesco virtual das identidades surdas, se sobressai no momento da busca de signos próprios com um vasculhamento arqueológico: proximidade surdo-surdo, entraves e conquistas na história, pensar surdo, cultura surda...

Cumpre notar que no movimento a luta é de orgulho pelas conquistas e de indignação frente as barreiras. A identidade surda é uma luta instável e nunca será fixa. Nisto surge indignação contra impasses impostos pelos ouvintes. Os surdos viveram muito tempo sem serem capazes de se referirem as coisas que de fato estão dizendo, pois na história iluminista, ser surdo é ser privado de direitos de ser político. Por isso, ser surdo é uma identidade que se aprende em grupo e só pode ser aprendida no grupo dos surdos.

O movimento surdo pode dar muitas identidades aos surdos. Tais identidades ocupam lugares distintos, bem como posturas diferentes. A existência de posturas distintas acarreta jogos de poder, onde identidades mais radicais reprimem outras que não possuem a mesma força.

Nestes movimentos estão presentes surdos e alguns ouvintes solidários que se unem numa oposição aos efeitos das forças ouvintes. O sucesso dessa união se deve aos objetivos gerais preestabelecidos no movimento. A formulação comum de uma série de objetivos e estratégias de ação focaliza a perspectiva de uma sociedade onde os surdos são cidadãos e onde a justiça social se concretiza na resistência a todas as formas de discriminação e exclusões sociais. Esse é o fator fundamental na existência do movimento que, lutando pelo surdo, resiste à complexidade da cultura vigente. E essa

resistência não é no sentido de excluir a cultura hegemônica ouvinte, mas no sentido de abrir o acesso a ela de uma forma que se sobressai a diferença.

Os tempos que estamos vivendo são próprios para o movimento surdo. O conceito epistemológico surdo se presta para qualquer teoria e política surda. Existem os surdos? Sim. O movimento surdo define os surdos, no sentido do termo, por suas atividades e discursos que acontecem a partir dos limites da participação política. O movimento surdo, sem dúvida, propõe a divisão do mundo em esferas de influência cultural, visto que se aferra à sua cultua. E não poderia ser diferente. Trata-se da cultura visual necessária a sobrevivência do grupo enquanto grupo cultural e político.

1.4 A comunidade discute a identidade surda

Já vimos que o convívio dos surdos no Rio Grande do Sul, como no Brasil e nos demais países, acontece, na maioria das vezes, numa sociedade onde existe a imposição ouvinte que mina as aspirações dos surdos. Veremos agora a consciência que o surdo possui sobre sua identidade. O sujeito surdo tem a sua forma própria de conceber as identidades surdas. Para ilustrar esta afirmação, penso que é importante trazer alguns comentários feitos pelos surdos nas entrevistas, pois estes são elementos ricos em minha pesquisa - que visa pensar sobre o surdo através do surdo. O depoimento é da acadêmica G. de 20 anos, surda, mulher:. Ela diz:

Creio que não se tem uma identidade surda completa. Não há identidade própria do surdo. É difícil. A pressão ouvintista sobre a comunidade, ou sobre o surdo, é geral e forte. Não há uma identidade completa.

O surdo está sempre em posição inferior ao ouvinte. Esta realidade crucial está em sua transição. A possibilidade é boa para um futuro. Com a ascensão na universidade não será mais possível o surdo caminhar sob as ordens do ouvinte. No RS e no Brasil o contexto é diferente. Não há formação para ser surdo, nem incentivo, nem apoio. Ser surdo é algo para o que não há referência. Na Europa, nos EUA, já estão indo mais atentadamente nestes termos.

Não há uma identidade delineada. Porém, dentro do surdo há o específico surdo, o que faz o surdo ser diferente. Penso no surdo inteligente. Há imposição ouvintista. O problema é todo desconcertante. Diante do poder ouvinte: problema da escrita em português, do oral, da proibição de LIBRAS. A maioria ouvinte somente vê saídas por aí. Falta, da parte surda, coragem e força para reagir.

Agora, diante da oficialização da LIBRAS e acontecimentos que se sucederam, a FENEIS conseguiu se impor como lugar de força aos surdos, é verdade que estamos andando em direção a um construir identidade mais certa. O Concórdia conseguiu II Grau, agora tem faculdade; em Esteio os surdos já tem II Grau em Escola Estadual. Isto significa um avanço para a consciência surda.

Olhando os acontecimentos, a maioria surda foge para o convívio dos surdos. A permanência no mundo ouvinte, é certo, que é por pouco tempo.

Sinalizar é preciso para captar a forma de comunicação. Se há festas de família é natural o surdo procurar o surdo. Se não há um semelhante surdo nas festas de

ouvintes com quem o surdo possa se identificar. A tendência é fugir da festa para ir ao encontro do surdo.

Somos assim. Algo atrai por ser melhor. Juntos é melhor. A maioria surda sempre está junto. Estar com amigos surdos é sentir que se tem este "parentesco". É um parentesco virtual. Isto porque chegamos na profundidade de nossas relações de semelhantes. Uma semelhança forte que nos mantém vivos, unidos.

Se acontecer visitas entre nós ficamos horas falando de tudo que é possível.

Na família o ouvinte intervém, geralmente o pai, a mãe, os irmãos. Ficam ansiosos em relação ao tempo gasto nesta forma de comunicação. Nossa comunicação é uma forma de transmitir fatos, de compreendê-los de valorizá-los na semelhança, no descompasso.

Eu cresci assim, sempre que vem gente à minha casa peço para ficar comigo. Ficamos horas e mais horas, madrugada adentro (até 5:00 h da manhã). Se alguém interfere dizendo que é tarde, vamos conversar em outro lugar. Não importa o ambiente, pode ser o frio corredor, de pé, onde estivermos. O diálogo em sinais provoca um ambiente agradável em que se dá uma intercomunicação fácil com um mínimo de incidentes, onde se sinaliza, se aprende e a experiência é vivida como se a gente se sentisse num encontro pessoal com o que é nosso. Mesmo que passem horas e horas nesse diálogo, ele parece não ter fim. Ele é feito diante da novidade, na resistência do ser sujeito surdo. Uma resistência que não impede de procurar outras formas de comunicação.

As identidades surdas não são na cultura ouvinte. Premido pelo horário e pelo constante ouvir, o ouvinte tem comunicação mais curta. Sua cultura é premida pela preocupação do horário, pelas responsabilidades infindas que a cultura ouvinte ditou. Eu vi isso. Na escola, por exemplo, a criança surda chega na ansiedade muito grande de ver seus colegas. Quando os encontra de nada mais quer saber. Ele está com a atenção voltada totalmente para o lugar de onde vem o parentesco cultural., sua semelhança e afinidade, ele cresce por aí.

Em casa do surdo onde os pais são ouvintes, não ha comunicação com a família ouvinte, ela dá-se em nível de diferença. No encontro há um exultamento. O estilo de vida é próprio. Isto a falta principal é a informação sentida conseguida, primada, revirada, levada a cabo (G).

A pessoa surda em questão está propondo um discurso com concepções iluministas das identidades surdas. O surdo como membro de uma sociedade, vive relações de poderes que, muitas vezes, os subjugam, como grupo cultural, a uma subalternidade. E, nem sempre, nesses lugares, ele consegue sentir-se como surdo e ver os seus companheiros como modelos surdos.

Uma concepção iluminista das identidades surdas, coloca o surdo entre os deficientes, no Brasil. Essa classificação dos surdos entre os deficientes coloca o surdo em posição inferior. É a posição da normalização do corpo. Nestas ocasiões a cultura surda desaparece por sobressair o aspecto da deficiência. A colocação do surdo entre os deficientes é uma classificação que lhe dá um lugar que identifico como de perda social do conceito de identidade surda pela presença de multifragmentações onde se transmitem e legitimam ideologias com a redução de significado. Além do mais se

supõe que apenas os campos de saúde, educação e assistência social acolhem as questões relativas aos surdos. Esquecem-se os direitos humanos , o sentido mais abrangente que o termo surdos propõe. Silva (1997, p.3) deixa evidente que a falta de visão mais ampla impede uma definição do termo surdo: "*o problema disso tudo não é o surdo, mas o discurso sobre o surdo*".

Uma outra concepção está na pseudo-idéia do próprio surdo não ter uma identidade surda. Ele concebe a identidade como uma representação existente fora do sujeito. A identidade, neste caso, parece existir fora da própria identificação ou da consciência.

McLaren (1997b, p. 205), se debruça sobre a condição de subculturas que são submetidos os grupos discriminados pelas culturas dominantes. Ele diz: "*constituídas por indivíduos que formam subculturas, freqüentemente usam símbolos e práticas sociais distintas para ajudar a criar uma identidade fora da cultura dominante*". Os grupos subalternos criam, a partir das relações sociais, formas de resistirem a dominação. Veiga-Neto (1995, p. 31), escreve sobre o surgimento da resistência. Ele argumenta que ela surge dentro dos grupos e das redes de poderes estabelecidas: "*Nessa rede de poder, há pontos de resistência que não são extraídos de "um lugar de grande Recusa-alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário*". E num outro parágrafo, afirma (ib., p. 91) ... "*mas que são, sim, gerados dentro da própria rede, as vezes amplamente abrangentes, mas em geral minúsculos, transitórios e móveis*".

De minha parte estou também incluindo outra concepção onde o surdo nega a existência de identidades surdas. Esse item, no entanto, requer mais pesquisas quanto a suas especificidades.

Cumpre notar que a identidade surda não está fora da pessoa surda, em algum lugar que possa ser perseguida. As identidades surdas estão nos sujeitos surdos e se constituem de diferentes formas e a partir de diferentes representações e concepções. Como ficam as identidades surdas dentro das diversas concepções de sujeitos surdos existentes na sociedade? Para esta pergunta há uma diversidade de caminhos a percorrer em busca de reflexões. Cabe esclarecer, no entanto, que tais caminhos são vistos, na abordagem teórica que tento pensar esta questão de pesquisa, como sinalizações para outros estudos.

1.5 Identidades Surdas

Para identificar a marca "surdos", visivelmente presente na comunidade surda, é preciso examinar os fragmentos que constituem o termo e suas possíveis interpretações nos estudos culturais. A concepção do conceito de identidades surdas muda de sujeito para sujeito. Ela muda da mesma forma que não temos uma identidade única de surdos. No meu conceber, não existe um modelo de identidade surda. Se percebe a fragmentação das identidades surdas no momento que se olha a diferença existente entre os surdos. Nessas identidades, no que as constitui diferentes, entram os diferentes aspectos históricos e sociais, a transitoriedade dos discursos representados e representantes de sujeitos. Existem diferentes possibilidades de identificação das identidades.

1) No grupo onde entram os surdos que fazem uso de comunicação visual se dá uma representação de identidades surdas. Noto formas muito diversificadas de usar a

comunicação visual. No entanto, o uso de comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. Wrigley (1996, p. 25), tenta descrever o mundo surdo:

A Surdez é um país cuja história é rescrita de geração a geração. Isto ocorre em parte por causa da condição de suas línguas nativas, em parte porque mais de 90% das crianças surdas nascem de pais que ouvem e em parte por causa das opressões curiosas e específicas que constituem as histórias dos surdos. As culturas dos sinais, bem como o "conhecimento" social da surdez, são necessariamente ressuscitadas e refeitas dentro de cada geração 8.

Ser surdo é, antes de tudo, uma experiência num mundo visual. A criança surda, por exemplo, depende do senso da visão para aprender. Quando as informações necessárias são contidas em sinais audíveis, as crianças surdas perdem tudo. A criança surda precisa de língua de sinais para constituir linguagem. Isso lhe dá um certo poder e autonomia para pegar os signos da palavra já constituídos. Mais intensamente, como adulto, nos movimentos surdos, a pessoa surda vai construir sua identidade política. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais. Talvez eu devesse abrir espaço aqui aos surdos filhos de pais surdos. Eles são criados para conviver com o virtual do ser surdo sem que isso seja uma realidade particularmente perturbadora como o é para os filhos surdos de pais ouvintes.

2) Um outro tipo de identificação é a que denomino: identidades surdas híbridas. Elas se fazem presentes entre os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos. É uma espécie de uso de identidades diferentes em diferentes momentos, ou seja, conhecem a estrutura do português falado e usam-no como língua. Eles captam do exterior a comunicação, passam ela para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais. Como este é o meu caso, em particular, narro assim minha experiência: "*Isso não é tão fácil de ser entendido, surge a implicação entre ser surdo, depender de sinais, e o pensar em português, coisas bem diferentes que sempre estarão em choque. Assim, você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda. Você não é um, você é duas metades*". Os surdos que nasceram surdos usam sua comunicação em sinais. Esse surdo que nasceu ouvinte terá sempre presente as duas línguas, mas a sua identidade teria de ir ao encontro das identidades surdas. O pouco material conseguido para este trabalho mostra que pode não acontecer identificação com o ser surdo e isso leva ao isolamento, ou à tendência para a agressividade, como cita a pessoa surda L. de 40 anos:

Fiquei profundamente surda na adolescência. Isso foi o inicio de algo diferente. Passei ao isolamento. No início eu vivia constantemente no meu quarto. Não me agradava a presença de pessoas ouvintes. Fugia das festas de família, das visitas e detestava atendê-las. Eu sentia que não estava mais no mundo ouvinte. Era uma parede de silêncio caindo sobre mim. O tempo para mim junto a essas pessoas, particularmente no local de trabalho, era uma verdadeira tortura.

Desejava estar com os surdos, ou mesmo com ouvintes que soubessem LIBRAS, mas nem isso era permitido, minha família tudo fazia para me afastar da identidade surda, e eu mesma tinha tendência a falar da forma que melhor fosse possibilitada a comunicação, no caso a comunicação visual feita através da leitura labial. O longo

tempo sem ouvir fez com que não mais fosse possível ser entendida. A falta da audição deve ter feito com que minha voz ficasse horrível e com o tempo eu já tinha dificuldade de me fazer entender. Eu sentia que minhas frases não tinham mais seu ritmo ouvinte, sabia disso tudo e me lamentava por isso. As pessoas me iludiam dizendo que minha fala era muito boa. Eu compreendia sua pena, mas entendia que a situação era bem outra. Tinha momentos de reação.

Tudo isso estava prejudicando o funcionamento de meus nervos, minha agressividade e minha fuga eram freqüentes. Com mais idade eu conseguia estar com os surdos quando queria. Tinha momentos tão apaixonantes como quando juntos, os surdos, falávamos sobre a especificidade surda. Muitas coisas íamos descobrindo. Nossas lutas iam sendo no sentido de termos um mundo nosso. Mas, eu sentia que nem tudo em mim era idêntico aos demais surdos nativos (L).

L. mostra duas situações diferentes. Na primeira, ela foge dos ouvintes e contesta a identidade ouvinte, sente-se melhor com a identidade surda. Na segunda, ela reinvindica sua identidade surda. Mesmo assim, no comportamento de L. é possível distinguir uma pequena diferença entre esses surdos não nativos - pelo específico da fala - que conservam e que conseguem se articular razoavelmente melhor.

3) Uma outra possibilidade de identificação são as *identidades de transição*. Estão presentes na situação dos surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica representação da identidade ouvinte e que passam para a comunidade surda, como geralmente acontece. Transição é o aspecto do momento do encontro e passagem do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para identidade surda. Normalmente, a maioria dos surdos passa por este momento de transição, visto que é composta por filhos de pais ouvintes. No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização da representação da identidade. Embora passando por essa des-ouvintização os surdos ficam com seqüelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução.

4) Muitos surdos vivem sob uma ideologia latente que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante. A hegemonia dos ouvintes exerce uma rede de poderes difícil de ser quebrada pelos surdos, que não conseguem se organizar em comunidades para resistirem ao poder. Aí pode dar início ao que chamo de *identidade surda incompleta*. O relato abaixo identifica uma situação onde se observam situações dominantes de tentativa de reprodução da identidade ouvinte, com atitudes ainda necessárias para sustentar as relações dominantes. Suponho uma outra identidade, outro tipo de representação, quando o surdo nega a identidade surda. O depoimento abaixo foi dado por uma estudante surda de 25 anos com o II Grau:

Tenho uma amiga que não procuro muito. Tem alguns restos auditivos. Usa aparelho de audição. Ela não se aceita como surda. Penso que é por seus 11 irmãos serem ouvintes. Ela não quer estar no mundo dos surdos e tudo faz para ser oralizada. Tem poucos amigos.

Quando ela foi para o II Grau não gostava de minha LIBRAS, me pedia para falar. Notei que já nos primeiros dias fez amizade com uma colega. Elas ficavam juntas e conversavam. Não durou muito a colega ouvinte deixou-a por outra. Dessa vez sentiu-

se desanimada com a experiência. A colega não entende bem a fala e ela não consegue compreender bem a colega. Na verdade minha amiga não tem boa voz, é muito mal articulada porque ouve mal. Ela também não conhece sinais.

A sua vida parece oscilar como um pêndulo entre surdos e ouvintes, não consegue ter amigos. Rejeita os surdos e busca os ouvintes, estes a rejeitam por ela não saber falar corretamente. Os surdos a evitam pois ela não sabe sinais e não os aceita. É bem triste.

São dois casos bem claros: ela fala mas não é compreendida pelos ouvintes, tem vocabulário reduzido; ela não sinaliza perfeitamente visto que não lhe atrai as coisas dos surdos. É uma oscilação de não gostar de ir aos surdos e querer ir aos ouvintes sem ter onde fixar-se (P.).

Esse caso é de uma identidade surda *reprimida* seja porque evitada, negada, escondida, porque ridicularizada, ou porque premida pelo estereótipo. Há casos de surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam ou quiseram encontrar-se com outros surdos, conseguiram adentrar-se no saber junto aos ouvintes e há casos de surdos mantidos em cativeiros pela família alguns surdos se tornaram incapacitados de chegar ao saber ou de decidirem-se por si mesmos.

É interessante notar como os ouvintes tecem redes de poderes e como elas vêm disfarçadas sobre o discurso da fala, da integração e do colonialismo 9. Exemplos de poderes criados pelos ouvintes para disciplinar e colonizar os surdos podem ser vistos em muitos lugares. Por exemplo no Estado, que recentemente implantou a política da integração. Ele transfere para a política educacional o patrimônio, os recursos públicos. De certa forma isso pode ser interpretado como relações de poder sobre os surdos, poder que divide, distinge, reprime, explora e que forma uma grade de controle sobre uma cultura nativa. Outro exemplo é a escola onde se sobressaem certas filosofias 10 de ensino - como a oralista, a bimodal, a comunicação total, a bilingüista 11. A ouvintização assume diferentes modelos de escolarização; na família a desinformação sobre o surdo é total e geralmente predomina a opinião do médico, e as clínicas de fono-audiologia reproduzem uma ideologia contra a diferença. Estes são alguns mecanismos de poder construídos pelos ouvintes sob representações clínicas da surdez.

5) Identifiquei uma outra possibilidade que chamo de identidades flutuantes 12. Elas estão presentes onde os surdos vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes. Esta identidade é interessante porque permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém, colonizado pelos ouvintes que continuam determinando seus comportamentos e aprendizados. Existem alguns surdos que querem ser ouvintizados a todo custo. Desprezam a cultura surda, não têm compromisso com a comunidade surda. Outros são forçados a viverem a situação como que conformados a ela. Existem casos de aprisionamento de surdos a esta situação, cuja experiência nos foi difícil de acessar.

São muitos casos e muitas histórias de surdos profissionalizados que vivem as identidades flutuantes, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais.

É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas. Quando a identidade parte de um grupo orgânico como a comunidade surda, mas que sem esquecer identidades ouvintes que lhe

emprestam igualmente fragmentos, ela constitui novas visões. A identidade surda dá sua continuidade. Isso significa que os surdos tem de construir suas identidades diversificadas como membros de um grupo cultural. Vejamos o longo depoimento de experiência e vivência de uma surda (J.) de 30 anos, que aborda a questão da diferença dentro da família:

Nasci surda, minha mãe não sabe a causa da surdez. Nunca pensei e nem entendi que era surda, lembro bem pouco daqueles dias de minha vida de criança. *Sempre me percebi como parte da comunidade surda. Entrei na escola aos dois anos e meio. Para mim era natural a forma de comunicação (em sinais). Quando encontrei o "oral" ele era coisa de doer a garganta. Toda vez que treinava o som, doía a garganta. Hoje não falo porque não gosto da dor de garganta. Prefiro o silêncio da palavra falada. A construção da fala foi dolorosa.* *Faltava às aulas de fono, fugia para não ir. Foi preciso agüentar tudo. Foi também um fracasso, visto que isso me acostumou a gritar qualquer coisa. Se tento falar, me pedem para falar mais baixo. Sei que tenho gritos e mais gritos, não tenho a voz. Preciso usar aparelho para sentir se minha voz está alta demais, mas detesto aparelho, ele dói o ouvido. Sempre que falo grito forte e minha mãe vive me dizendo para gritar mais baixo ou então silenciar. Meu grito é forte por que? Minha comunicação com o ouvinte acontece somente se escrevo. Nunca fui sozinha ao médico, somente com intérprete. Difícil.* *Quando acabei a quinta série fui para uma escola de ouvintes. Não havia nada que pudesse fazer. Meus pais moravam no interior e eu precisava continuar a estudar. Na escola os ouvintes vinham até mim e falavam. Eu sentia apenas raiva e vergonha. Tudo era ditado pelos professores. Os colegas escreviam, nada ia ao quadro. Como escrever? Eu como surda agüentava minha diferença.* *Chegando em casa chorava todos os dias, chorava desabafando minha raiva. Por que eu era surda? O que tinha que eu não era como os outros? Eu dava o máximo de mim. Mamãe me acalmava e eu percebia que às vezes chorava junto. Vezes houve em que ela ia à escola e falava para os professores ficarem de frente, para mim poder ler lábios, usar o quadro, providenciava um colega, para sentar junto para que eu pudesse copiar tudo. Havia fofocas e risinhos. Eu precisava de paciência, achava terrível. Mamãe sempre incentivando, apesar de tudo. Eu queria largar, sempre queria largar a escola.* *Neste tempo fui para outro colégio. Houve interesse e os colegas começaram a aprender comunicação em LIBRAS. Foi mais calmo... De meu ponto de vista a escola de ouvintes é ruim para fazer amizades, para estabelecer relações. Um surdo com os ouvintes é duro, difícil, sofrido. Muito eu chorei. Falava à minha mãe por que eu sou surda? Só Deus sabe. Finalmente retornei à escola de surdos.* *O homem com quem vivo hoje é ouvinte. Pergunto muitas vezes a ele se não gosta do surdo. Diz que é algo normal, que é normal ser surdo. Eu penso em ser ouvinte. Adoraria ser ouvinte. Ele diz que é bobagem, diz "esqueça".* *Meu pior momento está em viver desempregada. Não tenho trabalho, procuro-o. Difícil*

para o surdo conseguir. Na competência o ouvinte sempre ganha.

Não há lugar. Tenho o II Grau, mas que futuro tenho? O difícil é aceitarem a gente no trabalho. Como ficar em casa toda vida sem ter como trabalhar (J).

Nessa história, J. diz que quer ser ouvinte. Este traço pode ser visto por diversos ângulos, mas tentarei fazê-lo acerca da identidade surda flutuante. Escolhi este exemplo para mostrar os referenciais diferenciados nas quais J está mergulhada. É surda, mas quer ser uma ouvinte devido às imposições que a sociedade coloca. Esse depoimento pode ser visto também com a finalidade de se perceber outros assuntos como: integração, oralismo, ouvintismo, normalização, identidade surda. J. identifica as relações de poder mantidas pela família ouvinte ao mandá-la para a escola de ouvintes, bem como, os mecanismos de poderes colocados pela escola para domesticar as pessoas surdas, como, por exemplo: a fala, o ditar o conteúdo. Como se justifica esta presença inútil, invisível e ostensiva do poder?

Sobre este ponto comentado por J. as pessoas surdas são vistas como intocadas pela cultura ouvinte e a escola é o lugar da normalização. Através da integração, Lopes (1997, p. 33) fala sobre a normalização:

A normalização de comportamentos sociais, de acordo com a ideologia dominante, ocorre na educação de surdos desde seu início. A formação ideológica oralista imposta aos surdos que estão integrados no sistema comum de ensino está fundamentada, entre outros aspectos, no tratamento reabilitatório da deficiência. Todos os esforços dos ouvintes estão voltados para o treinamento oral do surdo, ou seja, o meio social ou escolar, conforme esta ideologia, deve propiciar ambientes ricos em estímulos orais para que os surdos sintam a necessidade "imperiosa" do aprendizado da fala. Em minha opinião, o comportamento ouvinte em relação ao surdo é de imposição cultural pois ignora o conceito de surdo e apega-se em diagnósticos clínicos de surdez que dizem ser o surdo um deficiente que necessita ser curado.

O mito de que a norma para os seres humanos consiste em falar e ouvir está presente nesta afirmação de Lopes. O pressuposto normalmente aceito é a normalização do corpo. E esta normalização do corpo, como também o olhar para o surdo e dizer que ele é um selvagem, estão registradas na história e no sofrimento do surdo.

Capítulo II
História dos surdos

É preciso resgatar a história do sujeito surdo. Não posso passar adiante sem sentir que as bases históricas são um meio para interpretar a situação atual. Neste ponto tenho o incentivo de alguns autores, particularmente de Costa (1996, p.13) que diz: "*A história continua, e está a nos contar sobre 'novos' sujeitos, 'novos' movimentos sociais, 'novos' gêneros sexuais, tantas outras identidades...*". A história leva a uma espécie de conexão para os discursos existentes sobre o sujeito entre o passado e o presente das identidades surdas.

Não pretendo focalizar a normalidade da pessoa surda mas seu ser sujeito surdo e a representação problemática da diferença cultural. Vou pegar uns respingos para ver as estratégias de marginalização-exclusão social do surdo lá onde alguns apontam

inclusão. Constato que há ausência de tal perspectiva para o sujeito surdo. Ao focalizar a história, portanto, o objeto de minha pesquisa é constituir o sujeito surdo através do próprio sujeito surdo e de seu discurso surdo numa articulação com a diferença. Sei que supostamente será melhor levantar o lugar de dependência e resistência cultural do sujeito surdo. Focalizo, na história que pesquiso, que o objetivo ouvintista é muito forte, se concentra em construir no surdo uma espécie de pessoa colonizada como do tipo degenerado tendo como base o estereótipo para justificar o poder e estabelecer sistemas em instituições e leis de controle sobre o surdo.

Para uma história dos surdos preciso de uma posição de quem olha a história com a ótica do sujeito que vai ser pesquisado.

2.1 O descentramento do sujeito surdo na História

A história dos surdos é pensada e contada geralmente por ouvintes, o que nos leva a perceber tanto a relação desigual de poderes como o domínio dos ouvintes da cultura surda. Se percebe, também, realmente se percebe por trás de cada linha narrada, a intenção e o lugar que cada pessoa ocupa ao comentar os fatos. Percebo que a história escrita, na maioria das vezes, foi e é contada sob a ótica do discurso médico e lingüístico da surdez.

O que me incomoda, na história do surdo, é que cada pessoa precisa deslocar [13] o sujeito surdo para colocá-lo dentro de sua visão. Por exemplo, ao me inclinar sobre os livros de história, sinto que posso descrevê-la em seu curso como é apresentada, porém devo interpretá-la do jeito surdo e do jeito das identidades surdas. Igualmente devo descentrar o sujeito surdo da visão lingüística estruturalista ou da medicalização.

Quando penso em descentramento, estou referendada nos cinco grandes avanços das ciências humanas e na teoria social, ocorridos no período da modernidade tardia e citados por Hall (1997, p. 37-50). A primeira delas se refere ao pensamento marxista, onde a história é de autoria coletiva e onde jamais um indivíduo poderia ser o autor dela: “*Os homens (sic) fazem a histórica, mas apenas sob as condições que lhes são dadas*” (p. 37)

O segundo dos grandes descentramentos vem da teoria do inconsciente de Freud. Nesse sentido, Hall (1997: 40) afirma que:

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base nos processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma lógica muito diferente daquela da razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada.

O terceiro descentramento está associado ao trabalho do lingüista estrutural Saussure. Para Saussure as palavras são “multimoduladas”, ou seja, elas carregam diferentes significados, dependendo de quem, como e quando as utilizam. Este fato pode nos dar pistas para que seja possível articular os múltiplos significados da palavra com a polifonia. Para Hall (1997, p. 44):

Os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de

similaridade e diferença, que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua.

O quarto descentramento principal da identidade é apresentado no trabalho de Foucault. Foucault destaca um novo tipo de poder, denominado “poder disciplinar”; o poder disciplinar está preocupado fundamentalmente com a regulação, a vigilância e o governo dos sujeitos e, em segundo lugar, está preocupado com o indivíduo e com o corpo. Hall afirma que (1997, p. 46):

Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que “policiam” e disciplinam as populações modernas - oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante.

O quinto descentramento acontece sob o impacto do feminismo. É bom lembrar que o feminismo faz parte dos novos grupos ou novos movimentos sociais. Para Hall (1997, p. 49) o feminismo teve uma relação direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico, porque:

questionou a clássica distinção entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’ (...) abriu (...) para a contestação política (...) enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados (...) aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (...) questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade (...) .

Estes descentramentos do sujeito podem ser vistos e relacionados com a interpretação do sujeito surdo na história. Não posso cair no dualismo educaçãolinguística, surdo-deficiente. Isto não significa que posso enumerar suas descentrações, mas que já existam multidescentrações do sujeito surdo. Posso especificar a existência das descentrações que se fizeram dele nas diferentes épocas, bem como, as descentrações referentes ao ser surdo e ao ser deficiente.

Para mim, um descentramento que incomoda é o fato de ter de usar a história num filtro que especifique a identidade. Para a pesquisa, dentro desta ótica, preciso descentrar o sujeito surdo e fazê-lo do ponto de vista do surdo. Preciso pensá-lo e fazê-lo do ponto de vista da identidade.

Busco, ao contrário da descentração, os múltiplos significados que apontem perspectivas para o ser do surdo. Tento pensar o sujeito surdo multifacetado que mesmo vivendo suas posições individuais, se constrói e é construído dentro de uma sociedade sob a força da diferença.

2.2 História do sujeito surdo

Os primeiros achados sobre o sujeito surdo na história antiga, particularmente na Grécia e em Roma, o identificam como aquele que devia ser sacrificado em vista de não ser um sujeito produtivo. O achado é prevalentemente o início de uma representação “negra” para o sujeito surdo. Há uma conexão com as deusas Vênus desnudas da mitologia. É a prevalência do corpo ideal. A história começa impedindo o sujeito surdo de ser. Logo

mais, percorrendo a história, veremos que esta concepção do sujeito surdo amainou-se um pouco, porém, assim continua por séculos inteiros.

Skliar (1997, p. 17) diz que existe uma primeira menção de concessão de direitos ao sujeito surdo no primeiro século depois de Cristo. Isso mostra bem como a tendência humana fez as representações de forma a definir como os seres humanos se tornam humanos. Mas não seria isso um crime em relação aos surdos?

Plínio, hablando del arte de la pintura en Roma en su tratado La História Natural refiere el caso de Quinto Pedio, el nieto sordo del cónsul romano homónimo. Por ser descendiente de la familia de Messala, el Imperador César Augusto le concedió la possibilidad de cultivar su talento artístico, pero no de cursar una carrera normal.

Dar direitos ao sujeito surdo de constituir-se como identidade parece ser um ato de humanidade limitada, bastante tardio. É preciso entender melhor e chegar ao momento em que impediram o sujeito de se organizar conforme seus desejos e discursos. Do ponto de vista do surdo, os ouvintes eram senhores da história. O ato de César Augusto possibilita ao sujeito surdo ser pela metade. Dá-lhe direito às artes, mas lhe nega o acesso a ciência.

O Código de Justiniano, no ano de 528, que, segundo Skliar (1997a , p. 20), dava reduções ao sujeito surdo já leva a pensar um início de reconhecimento histórico ao surdo como sujeito. As identidades surdas, no entanto ainda podem se constituir apenas em parte.

Mas é mais precisamente neste tempo que se alguns direitos foram dados aos surdos, muitos lhe foram tirados. Skliar (1997a, p. 20) diz que:

(...) queda en claro que se debe a Justiniano la instituición de las restriciones legales a los sordos: es la primeira vez que se registra el reconocimiento de diversos tipos de sordera a fin de estabelecer una distinción desde el punto de vista legal, y también se comienza a marcar la diferencia entre sordera e mutismo. Pero la institución y la convicción de que los sordos fueron totalmente incapaces de recibir instrucción no será puesta en tela de juicio hasta el siglo XVII.

A discussão sobre as identidades surdas vai chegar mais tarde com o começo das origens da educação do surdo. Ali vai ter início a polêmica mais forte que vai dominar até hoje. Os surdos precisam falar, seguir o modelo ouvinte ou os surdos podem ser surdos? Que papel têm as identidades surdas?

Que história é essa, escrita por ouvintes, que atribui ao Abade francês Charles L'Epée [14] a criação da língua de sinais? Seria ele capaz de criar signos visuais para serem entendidos pelos surdos? Dados históricos mostram que L'Epée não a inventou, ele a pesquisou junto a duas irmãs surdas e lhe deu credibilidade entre os ouvintes, como língua com capacidade para ser transmissora de conhecimentos aos surdos. Neste ponto, L'Epée desenvolveu junto aos surdos a comunicação. De posse de signos compreendidos, junto aos surdos, consegue mostrar que o surdo é um sujeito dotado de capacidades.

Isso tudo culmina com a idéia do sujeito surdo como transmissor de conhecimentos. É incrível que esses surdos do tempo do abade Lëpée tenham chegado ao ponto de serem professores, mestres de surdos. O que impede ao surdo ser sujeito? No meu ponto de vista, é que o surdo não consegue constituir signos numa linguagem ouvinte. A sua linguagem não consegue uma expressão na linguagem ouvinte, mas numa outra linguagem que o ouvinte precisa decifrar ao modo de L'Epée.

Esta proposição surge de forma mais clara no trabalho feito por Jean Marc Gaspard Itard, médico francês que tentou reabilitar a Victor, o menino selvagem de Aveyron entre os anos de 1801 e 1806 (Souza, 1998, p. 26). Itard submete Victor a uma série de tratamentos, como por exemplo, banhos quentes até que Victor reagisse. Mas Victor precisava combinar os signos visuais, ou a sua ideologia constituída, para trazer à tona uma conexão de seu pensamento com os signos corporais (banho quente) usados por Itard. O método de Itard consiste em fazer o menino selvagem entrar na sua cultura, e não Itard entrar na cultura própria do menino selvagem. Mais adiante, a história registra Itard como o médico que passa anos e anos tentando moldar o surdo ao jeito da identidade ouvinte, relegando as identidades surdas.

A História escrita pelo ouvinte compreende o surdo do ponto de vista do ouvinte, jamais do ponto de vista da identidade do surdo. O próprio Itard reconhece, no entanto, que o surdo poderia articular a palavra, mas dificilmente poderia compreender-lhe os signos. A História da imposição de pensamento com signos criados pelos ouvintes - ao modo do Itard - vai culminar no Congresso de Milão de 1880, quando estabelece-se que o método de ensino oral puro é superior aos outros. O iluminismo foi o momento do encontro com outra das piores representações do surdo, destituiu-lhes a língua, a cultura e a comunidade.

Esta é a ideologia, constituída ao lado da ciência, que Skliar (1997a, p. 52) chama de "incomprensión", e que perdura até nossos dias. No entanto, a identidade surda resvalou para a margem da sociedade. Ela tem uma outra história escrita pelos surdos. Há um registro de História dos Surdos que evidencia o outro lado! Como perceber isso? É difícil! Os próprios surdos podem ser levados a pesquisar a História dos surdos desde uma perspetiva ideológica. Percebi que mesmo sendo surda também posso escrever sobre o sujeito surdo desde o ponto de vista ouvinte. Posso denunciar o sujeito surdo como pobre e fraco.

Widel (1992) escreve a partir da história feita pelos próprios surdos. Ela fala de quatro fases na construção da cultura surda: a fase de abertura (1866-1893), a fase de isolamento (1893-1980), a última parte da fase de isolamento e o começo da próxima fase (1960-1980) e, por último, a fase de manipulação. Na primeira fase a maioria da comunidade surda consistia de trabalhadores especializados, e era característico que o objetivo da associação fosse semelhante aos objetivos de outras associações de trabalhadores. Mas a primeira crise séria entre a cultura surda e a sociedade em geral ocorreu a partir de 1890. A comunidade surda passou a ser rejeitada porque insistia em manter a língua de sinais. A exigência de que as crianças surdas tivessem que aprender a falar oralmente, começou a deixar suas marcas na personalidade e no desenvolvimento cognitivo e lingüístico dos sujeitos surdos. Assim, surge a fase de isolamento dos surdos. Para sobreviver eles fundam associações, e através de um processo de socialização, protegiam a comunidade surda dos fracassos. Por exemplo, em 1893, na

Dinamarca, os surdos fundam uma associação com o objetivo de preservar a língua de sinais. Diante dessa iniciativa, Widel (1992, p. 33) reflete:

O fato é que a comunidade surda foi posta para fora (da sociedade) e isolada, porque insistia em manter a língua de sinais que facilitava a comunicação em todos os sentidos. O motivo pelo qual a comunidade surda insistia tão enfaticamente em manter a língua de sinais, poderia ser devido a um respeito profundo por uma força criadora interior de natureza humana e social. Essa força criadora possibilitou à comunidade surda descobrir uma linguagem realmente funcional e boa - a língua dos sinais - que facilitava seu desenvolvimento, apesar de todas as investidas contra ela.

Nos anos ’60 do século XX as condições mudam, e apesar de que a comunidade surda ainda se encontrava na fase de isolamento, havia, agora novas condições para que essa comunidade saísse do isolamento. A Educação para a comunidade surda tornou-se um elemento importante. Toda a argumentação do sucesso do oralismo começou a desintegrar-se. A partir dos estudos sobre cognição e linguagem se soube que os surdos filhos de pais surdos conseguem um grau mais rápido de aprendizagem. Ali nasceu o bilingüismo, ou seja, a idéia da utilização de duas línguas na educação dos surdos. Mas, o bilingüismo que vigora hoje é, dentro de uma perspectiva ouvintista, uma interpretação errada sobre a questão das identidades e da cultura surdas.

O movimento surdo tem sua representação na World Federation of the Deaf [15]. Na última década, uma das maiores manifestações do movimento surdo aconteceu na Universidade Gallaudet para surdos, onde os alunos provocaram um movimento de resistência para trocar um reitor ouvinte por outro surdo. Mas, a maior parte da caminhada de resistência em direção aos direitos humanos acontece silenciosamente.

2.3 História dos surdos no Brasil

Uma cópia de um texto do livro das atas do Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de Janeiro, escrita em 1884, e publicada recentemente pela revista Espaço (1990, p. 38) me ofereceu as seguintes informações:

Em 1856 aqui chegou o surdo-mudo belga Huet e fundou un collegio especial para surdos-mudos. Neguem ao Sr. D. Pedro II as qualidades que quiserem, uma elle possue em tão sabido grau, que ninguem o excede - o patriotismo. Será, e creio que não tem sido muito feliz na escolha dos meios de revelá-lo; porém não há empresa ou tentativa util que não encorage ou proteja. O colégio de Huert não constitui uma excepção; os primeiros alunos foram matriculados as custas do bolsinho imperial. Isto foi feito sem apparato, e quem sabe si até com sacrifício. O collegio teve curta e ingloria existencia. Em 1862 o ministro Olinda deu-lhe organização oficial e entregouo aos cuidados do Dr. Magalhões Couto, que em Pariz estudára a arte de educar surdos-mudos.

A educação dos surdos no Brasil iniciou-se ligada aos deficientes. Contrário ao que parece, Huert não é o primeiro a educar os surdos no Brasil, mas eles tiveram vantagem, desde os primeiros tempos, de se reunirem sob orientação de um professor surdo. No entanto, isso não significa que estivessem em uma escola onde se usasse uma educação que levaria a solidificar logo as identidades surdas. Huert abre uma das primeiras clareiras para a educação dos surdos. Mas,também não significa, mesmo a ata não

atesta, que estivessem em um tipo de educação onde o método fizesse o uso de ensino em língua de sinais.

A ata informa, ainda, que com a saída de Huert, iniciou-se o oralismo na educação dos surdos no Brasil. Um dos parágrafos das atas registra o seguinte: "*Claro esta, portanto, que o único meio de restituir o surdo a sociedade é dar-lhe uma linguagem que todos comprehendam, dar-lhe a linguagem articulada, suprema aspiração do venerando L'Epée.*"

Mesmo que cite o abade francês, nota-se que nesse ano de 1884 o oralismo era aceito. O mesmo que determinara o congresso de Milão.

Quadros (1997, p. 21-28) cita as três fases de educação do surdo no Brasil.

A primeira fase constitui-se pela educação oralista. Basicamente a proposta fundamenta-se na recuperação da pessoa surda, chamada de deficiente auditivo. O oralismo enfatiza a língua oral em termos terapêuticos (...) Diante desse difícil contexto surge (a terceira fase com) uma proposta que permite o uso da língua de sinais com o objetivo de desenvolver a linguagem da criança surda. Mas a língua de sinais é usada como recurso para o ensino da língua oral... O bimodalismo passa a ser defendido como a melhor alternativa de ensino ao surdo... As duas primeiras fases constituem grande parte da história da educação do surdo no Brasil. Ainda hoje estão sendo desenvolvidos o oralismo e o bimodalismo nas escolas brasileiras; porém há algo que está aflorando nas comunidades de surdos e isto tem afetado os educadores de surdos. As comunidades surdas estão despertando e percebendo que foram muito prejudicadas com as propostas de ensino desenvolvidas até então e estão percebendo a importância e valor de sua língua, isto é LIBRAS. Além desse despertar, os profissionais da área da surdez estão tendo acesso a informações que são resultados de pesquisas e estudos sobre as línguas de sinais, possibilitando assim uma retomada dos conceitos estruturados de surdez e língua de sinais. Assim a Educação dos surdos do Brasil está entrando em uma terceira frase, que caracteriza um período de transição. Os estudos estão apontando em direção de uma proposta educacional bilíngüe.

Essa divisão de Quadros para a história da educação do surdo dispensa comentários além de ser é essencial para a história das identidades surdas. A comunidade surda sofreu e foi influenciada grandemente pelo oralismo. Do mesmo modo que em outros países, ele provocou divisão interna na vida da comunidade surda. Para citar um exemplo, tenho em mãos a foto, do ano de 1958, tirada no Clube dos Surdos de Alvorada, no Rio de Janeiro. Esse clube por algum tempo era exclusivo dos surdos falantes. É um grupo de surdos, cidadãos de elite, surdosfalantes. Ao mesmo tempo, no Rio existia outra associação de surdos sinalizantes. Por que isso? A divisão mostra que os surdos são divididos em duas partes, os que estão a favor do ouvintismo (colonialismo ouvinte) assumem um lugar. O outro lugar é o dos surdos que vivem a resistência diante do ouvinte e lutam para perseverar na construção de sua cultura.

Capítulo III
A construção das identidades surdas

Quando tive que pesquisar a identidade, notei que quanto mais me adentrava nos estudos, mais e mais preconcebia que o construir a identidade dentro de uma sociedade

com cultura hegemônica não se constituiu ou constitui, para os surdos, num ponto fácil. O que foi feito na história e o que é feito no dia-a-dia é procurar o semelhante para, a partir daí, construir o diferente surdo. Tentativas de clarificar esse espaço do outro surdo, identificar-se num "*o que te identifica, identifica a mim também*" foram uma constante na vida dos surdos. Mc.Laren (1997a, p. 205) confirma esses termos: "*Indivíduos que formam subculturas, freqüentemente usam símbolos e práticas sociais distintas para ajudar a criar uma identidade fora da cultura dominante*" Onde isso leva senão à busca de uma identidade diferente? Colocar aqui a questão da identidade, significa ter em conta toda a representação problemática do termo diferença. Fica claro, muitas vezes, como foi constatado por McLaren (1997), que a diferença não é uma parte da identidade, senão a produção através de uma política de significação.

A diferença leva a pensar questões de poder, de ser e de fazer dentro da comunidade surda, já que é uma forma de significação social.

3.1 Diferença & diversidade surda

As identidades surdas podem ser pensadas a partir do conceito de *diferença* e não do conceito de deficiência ou diversidade. Essa diferenciação merece ser enfatizada, tendo em vista que, de posse dessa possível verdade, posso chegar ao específico surdo.

Pesquisando as vidas surdas, noto o quanto a produção de significado do conceito da diferença assume caráter principal na constituição da identidade surda. Isso porque o próprio surdo se percebe diferente do ouvinte. Vejo isso na a história da jovem P., de 26 anos, que chega á conclusão de que "*era preciso pegar o jeito de ser surda*".

O que sei é que nasci surda. Encontrei os surdos na escola de surdos quando eu tinha 6 anos. Fui muito feliz neste encontro. Aprendi rapidamente os sinais. Adorava a comunicação entre nós, fonte de transmissão de conhecimentos, sentia-me muito bem entre surdos.

Somente era tão chato quando a professora oralizava, quando tinha fono, aquilo era ininteligível. Na fono era preciso oralizar até doer a garganta. Eu estava convicta que isso me levaria a oralizar como fazem os ouvintes. Usava aparelho e odiava-o, mas estava sendo imposto, inclusive com nota no boletim. Havia ameaças. Se não usasse o aparelho era sinal de que estava indo mal nos estudos, não estava querendo ser perfeita, estava fugindo das regras escolares. Acreditava no que me diziam de que quando crescesse seria igual aos ouvintes. Um dia descobri que nunca iria falar como eles, seria mesmo impossível. Era preciso pegar o meu jeito próprio de ser surda.

Me descobri surda enquanto brincava na frente da televisão. Meu irmão sempre sinalizava. Eu via meu irmão aprender rapidamente e passar de ano e eu sempre repetindo dois anos sentia aquela sensação de não poder superar-me naquela lentidão. Eu queria crescer superar-me e não conseguia.

No meu grupo de escola de II grau havia tanta fala e eu sofria por não conseguir acompanhar. As colegas ouvintes exigiam minha fala. É muito difícil ao surdo oralizar direito, emitir sons. Elas não entendem minha LIBRAS como algo de valor e importância atual. Mas havia alguns colegas que gostavam de LIBRAS e daí? Eu ia com eles. Sentia que eles me aceitavam. Quando comecei a rejeitar a fala, dei um fora

da clínica de fonoaudiologia. Me chamaram de volta repetidas vezes e eu sempre respondia que era meu direito ser surda de ora em diante. Daí por diante me senti melhor sempre usando LIBRAS.

Nada iria me levar a ter oralização igual aos ouvintes, eu não havia conseguido. Decidi que escreveria quando precisasse e minha vida seria entre os surdos. E eu consegui viver bem com LIBRAS. Me senti livre de toda essa obrigação de ser ouvinte. Senti a independência que isso me trouxe.

Hoje tenho meu salário, meus amigos. Os ouvintes continuam dizendo: fale... Não tenho animação nenhuma no grupo de ouvintes. O grupo de surdos é aquela animação para a gente, aquele "cheiro surdo". é difícil combinar surdos e ouvintes. Surdos e surdos combinam melhor. O que atrai ouvintes é a audição, música, canto, dança. O que atrai a nos é o interminável sinalizar.

Com os ouvintes que sinalizam tudo é tão fácil, alguma coisa não se entende... Mas há diferença. Alguns sinalizam demais perfeitamente, são profissionais de LIBRAS, intérpretes, outros alguma coisa. Quando temos interpretes não é a mesma coisa. Alguns intérpretes são fiéis no transmitir, outros há que transmitem diferente a mensagem que sinalizamos. Há alguns que não entendem nossa cultura. Tem uma atenção diversa da nossa (P).

A maneira de P. encontrar-se e resistir ao discurso autoritário ouvinte é descobrindo-se surda. A sua consciência de ser diferente, de ser surda, parece ser a saída que a transforma, e ela tem encontrado essa consciência entre os surdos. Assim fazem quase todos os surdos que, em conjunto, trabalham como parceiros na busca de transformação através de consciência crítica. P. é vista como diferente e subalterna pelas posições ouvintes e por isso mesmo eles escondem as normas etnocêntricas tentando superar esse diferente. Mas, para P., a marca "surdo" tornou-se uma marca que não tem igual, não pode ser mudada, é a diferença e tornou-se o termo de significados da sua participação cultural ao seu jeito.

Os surdos se descobrem na diferença e não na deficiência. A diferença nos grupos minoritários é descrita por McLaren (1997b, p. 311) como:

A diferença precisa ser entendida, como Tereza Elbert (1991) salienta, não como zonas claramente marcadas de experiência auto inteligível ou uma unidade de identidade dentro de um pluralismo cultural, mas sim como uma produção através de uma política de significação ou seja, através de práticas significantes reflexivas e também constitutivas de relações econômicas e políticas prevalentes.

Nesse ponto, admitir o diferente não é o mesmo que admitir a diversidade. A teoria do diferente admite o sujeito surdo, a diversidade admite-o em meios termos. P. dá exemplos das máscaras usadas pelos ouvintistas para situá-la na diversidade. O que de melhor alguns fazem para disfarçar a diferença dos surdos é citar a possibilidade dele vir a falar. A denúncia dos surdos, particularmente de Padden e Humpries (1988) é sobre a máscara que fica por trás dessa forma de dizer a possibilidade do surdo em corrigir sua deficiência. Mais recentemente se desenvolveram os termos de bi-culturalismo e bi-linguismo. Minha posição é de que o bi-culturalismo disfarça normas existentes da cultura dominante e mantém a diferença cultural como se ela fosse

incômoda. A posição bi-cultural é algo que mantém o surdo pelo meio. É como se dissesse: você é um, mas tem de ser dois ao mesmo tempo. Esta é uma exigência da "diversidade" imposta pela sociedade anfitriã ao surdo, uma definição sujeita ainda a manter cambaleante a comunidade surda. A tática é certa. "O universalismo que permite paradoxalmente a diversidade, mascara normas etnocêntricas" (Bhabha,1994, p. 208). Aqueles que buscam o universalismo para a cultura dominante continuam a reincidir sobre a comunidade surda, negando-lhe o direito e propondo os modelos alternativos prevalecentemente internos. Isto é visivelmente perceptível, também em termos da integração que está sendo proposta pelo Estado, para algumas escolas onde se admite a diversidade, mas não a diferença.

A diversidade, como vimos, se constitui na visão parcial do sujeito surdo como surdo e com uma identidade não construída na diferença. É como diz McLaren (1997b, p. 310) "*uma norma transparente construída e administrada pela sociedade anfitriã que cria o consenso*".

O caminho para se resolver os impasses socialmente existentes é definir significativamente as diferenças. E os resultados dessa construção simbólica das diferenças está vinculado a novos achados. Hall (1997) diz que se deve pensar na identidade como uma produção que não está nunca completa, que está sempre em processo e é sempre constituída no interior, e não fora, da representação.

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o status social: "*você pode falar como os ouvintes*", afirmação que é crescente e disfarça socialmente a existência da diversidade. Rompe igualmente com a afirmação de que o surdo seja um "usante" da cultura ouvinte. A cultura, ouvinte no momento, existe como constituída de signos essencialmente ouvintes. O surdo resiste a usá-la. Os significados construídos pelo ouvinte são diferentes dos significados construídos pelos surdos. O ouvinte constrói seus significados na audição; os surdos na visão. Muitos surdos reclamam que os ouvintes não tem a visão desenvolvida no sentido de conseguir a comunicação. Nem mesmo no que tem de visual, como a escrita em português, pode ser conseguido pelo surdo. Nós, surdos, temos nosso modo de escrever diferente do ouvinte. Isto porque construímos os signos das palavras de forma visual. é o que percebo no depoimento de L. 40 anos, surda.

Eu sinto que é tão difícil escrever. Para fazê-lo meu esforço tem de ser num clima de despender energias o suficiente demasiadas. Escrevo numa língua que não é minha. Na escola fiz todo esforço para entender o significado das palavras usando o dicionário. São palavras soltas elas continuam soltas. Quando se trata de pô-las no papel, de escrever meus pensamentos, eles são marcados por um silêncio profundo. Eu preciso decodificar o pensamento visual em palavras em português com signos falados. Muito há que é difícil ser traduzido, pode ser apenas uma síntese aproximada.

Tudo parece um silêncio quando se trata da escrita em português, uma tarefa difícil, dificílima. Esse silêncio é a mudança? Sim é. Fazer frases em português não é o mesmo que fazê-las em LIBRAS. Eu penso em LIBRAS, na hora de escrever em português eu não treinei o suficiente para juntar numa frase todas as palavras soltas. Agora no

momento de escrever, eu escrevo diferente. Quando eu leio o que escrevo, parece que não tem uma coisa normal como a escrita ouvinte, falta uma coisa, não sei o quê. Mão sei se o que escrevo são palavras minhas, elas são exteriores, não fazem parte de meu contexto. Parecem não cair bem na frase, parece que a escrita do pensamento não ditar o que quero dizer. Vezes sem conta parece-me dizer coisas sem sentido (L.).

L. está mostrando que um surdo não vai utilizar-se de significados ouvintes como na escrita correta do português não falado por ela. Não adianta insistir neste ponto. Se dissermos que a escrita é do ouvinte estamos cometendo equívocos. A escrita é visual e não auditiva. Ela pode ser usada pelo surdo do mesmo modo que a fala, porém serão sempre "diferentes". O pensamento visual da escrita e da fala são aspectos de que os surdos podem se servir constantemente, embora hoje se diga que os surdos não sabem ler e escrever e muito menos falar. Seria tudo isso o fruto de uma educação mal aplicada? A escrita do surdo e sua fala vão apenas se aproximar a escrita e da fala dos ouvintes. Portanto, não há que exigir do surdo uma construção simbólica tão natural como a do ouvinte.

Por outro lado, é preciso manter estratégias para que a cultura dominante pare de reforçar posições do poder e privilégio. É necessário manter uma posição intercultural mesmo que seja de risco. McLaren (1997) cita a ideologia da cultura dominante como referente a padrões de crenças e valores compartilhados pela maioria dos indivíduos. Essas posições consideram o diferente como diversidade.

A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Este aspecto da diferença precisa ser entendido não como uma construção isolada, mas como uma construção multicultural. A ideologia da diversidade cambaleia nestas posições essenciais da cultura surda.

O encontro do surdo com ele mesmo é um dado que pode despertar reações diversas. É conveniente falar sobre a surdez, sobre os surdos e sobre a cultura surda. Isso pode incitar aos surdos a questionarem a cultura e a dominação. A princípio, todos os surdos desejam permanecer na cultura de seus pais, isso é certo; pois a cultura geral fala alto demais para dar espaço a uma cultura surda. O surdo que se declara favorável ao uso da comunicação oral e se distancia da língua de sinais, cria protestos na comunidade surda. Neste item, entra a livre opinião daqueles que se consideram surdos, mas que fazem tudo para não ser. Hall (1997) acentua que isso se deve à formulação daquilo que temos como representação do conceito de cultura: comunidade imaginada, memória do passado, desejo de viver em conjunto, perpetuação da herança. O que essa representação faz é nada mais que determinar um caminho inverso, uma alternância que impede a pessoa surda de se declarar surdo. No entanto, quando o surdo olha para si mesmo, conhecedor de sua diferença, ele constantemente repete a frase: "*é difícil...*" Por que isso? O mundo ouvinte é difícil de entender ou é difícil a cultura do som que não chega aos ouvidos?

Eu sou surdo, continua a ser a frase presente. Sou surdo e é difícil. Todos os surdos dizem que é difícil ser surdo. Para ilustrar o difícil na vida do surdo vou usar a cena da infância de Laborit (1994, p. 38):

Estranha imagem. não sei se é lembrança real ou imaginária. É, entretanto o símbolo marcante de minha dificuldade de comunicação com meu pai naquela época. "Tifiti" 16

é uma palavra de infância que nasceu dessa dificuldade. Um dia, era talvez um pouco maior, estávamos a sós ele e eu. Ele cozinhava um pedaço de carne. Queria saber se eu a desejava muito cozida , não muito cozida.... tentava me explicar a diferença entre o cru e o cozido , e , com ajuda do radiador entre quente e frio. Entendia o quente e o frio mas não o cru e o cozido. Isso tomou bastante tempo. Finalmente ele se zangou e cozinhou os dois pedaços de carne da mesma maneira.

Quando ela fala do difícil, geralmente cita o momento do encontro com o ouvinte. Momentos de diálogos orais. Mas esse difícil some no momento do encontro com a diferença. O encontro com a diferença aproxima o surdo da sua cultura e o remete a um estado incorporado com disposições no estado subjetivizado, com artefatos culturais. O surdo, então, passa a despontar sobre o status social da surdez..

O que essa dificuldade tem a ver com o dia-a-dia do surdo pode ser representada pelas diversas formas de poder contidas na relação surdo-ouvinte. A pessoa ouvinte desconhece o mundo surdo e toda imagem de uma pessoa surda é uma representação que não pode ser vista como igual. Formular uma relação surdoouvinte em uma representação implica também em olhar o poder ouvinte existente. Esse poder assume diversas formas.

3.2 Ouvintismo ou racismo?

Alguns ouvintes podem ficar ofendidos com a afirmação de que contribuem para ouvintizar o surdo, ou que se fale sob o vício de referir-se ao surdo como portador de anomalias e se reportem ao exibicionismo ouvintista em frente ao surdo. Na verdade, esse comportamento da maioria ouvinte somente admite ambientes ouvintes com autoridades e regras sociais. A afirmativa se baseia no fato de constatar-se uma diferença cultural no meio social ouvinte e surdo. Os surdos reclamam seguidamente desses ambientes. Prova disto é o depoimento de R., surda de 30 anos.

É neste sentir-se rejeitado em comunicação que nos faz sentir-nos mal em família. Não há um sentir-se igual. É impossível ser feliz num clima desses. É o exílio do silêncio a que estamos sujeitos. Sujeitos a sermos devotados aos ouvintes e sem esperanças...

Eu percebo, é claro que a minha vida deve ser feita em outro grupo, com os surdos. Angústia é este sentimento. É preciso reconquistar o espaço que nos tiraram. Na verdade é uma perda angustiante. Nossa presença entre ouvintes não é legal (R.).

Diante da denúncia de R. seria um erro ignorar a existência de condicionamentos e formas do ouvintismo. Ele não é uma idéia ou essencialmente uma invenção por acaso. Assume uma postura importante quando se trata de olhar as relações do sujeito surdo.

O que é e como se constitui o ouvintismo?

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda idéia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra - ouvintismo -

designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinicalização e da necessidade de normalização.

A construção ouvintista nunca está longe daquilo que a idéia de ouvinte significa: uma noção que identifica a “nós ouvintes” em contraste com “aqueles surdos”. O principal componente é o que torna a cultura ouvinte - etnocentrismo - como hegemônica, uma idéia da identidade ouvinte como superior a tudo que se refere aos surdos.

Assim, eu posso ligar ouvintismo e preconceito. No entanto, não quero dizer que tudo no ouvintismo é preconceito contra o surdo. McLaren (1997b, p. 213) vê o preconceito como:

...prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com bases em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita freqüência, elas assumemum caráter de consenso ou cunho ideológico que é , muitas vezes usado para justificar a discriminação.

O ouvintismo não é o mesmo que oralismo. Enquanto ideologia dominante, o orlaismo, na descrição de Skliar (1997b, p. 256), significa que:

O oralismo foi e segue sendo hoje, em boa parte do mundo uma ideologia dominante dentro da educação do surdo. A concepção do sujeito surdo ali presente refere exclusivamente uma dimensão clínica - a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos - em uma perspectiva terapêutica. A conjunção de idéias clínicas e terapêuticas levou em primeiro lugar a uma transformação histórica do espaço escolar e de suas discussões e enunciados em contextos médico-hospitlares para surdos.

Num primeiro momento, nas leituras das narrações de vida-surda, tento delinear aqui os discursos constantes que sugerem diferenças entre formas de ouvintização presentes em nosso meio:

1.Ouvintismo *tradicional*: nesse discurso, os ouvintes condicionam as representações sobre os surdos de modo a não lhes dar saídas para outros modelos que não seja o modelo de identidade ouvinte. Neste meio o oralismo é uma das formas mais fortes do poder ouvinte sobre os surdos. Os surdos dessa cena vivem na ideologia servil ao ouvinte, uma resistência radical a qualquer mudança e diferença, uma desnecessária elitização da cultura ouvinte e conseqüente rechaço e subalternização da cultura surda. Isso prova a história de F., transcrita novamente:

Não sei como me descobri surda. Acho que ser surda é uma consequência normal que somente se descobre a diferença com o tempo. Eu sentia o silencio do ser surdo, creio que aconteceu por acaso. Me negavam o contato com LIBRAS, eu e minha irmã também surda fomos oralizadas. Tínhamos pouquíssimos sinais, nos comunicávamos através de mímica. Era uma comunicação pobre. Sentia que eu e minha irmã falávamos com os ouvintes e não éramos entendidas. Atualmente sinto raiva quando não entendo e não sou entendida. Mas acostumei-me a ser surda. Meu sonho é ser ouvinte, o que gostaria tanto. Me sinto com crises de nervosismo e tensão por ser surda. Isso me deixa desnorteada, revoltada pela situação. sonho sempre em ser ouvinte Sinto-me triste por não poder ir mais longe. Sinto que estou numa loucura para poder ser ouvinte., gostaria de ouvir música, tenho vontade de comunicar-me pelo telefone. Sinto que

poucos me aceitam como surda. Quando estou com ouvintes não agüento. Eles começam a falar entre si e eu tomo uma atitude qualquer ou, peço licença para ir fazer outra coisa.(F.)

F. mostra um ouvintismo que ainda admite o uso de comunicação em sinais. Mas ainda há situações onde não se admite sinais e toda e qualquer manifestação por sinais é reprimida.

2. Ouvintismo *natural*: é outra cena do discurso ouvintista que defende uma igualdade natural entre surdos e ouvintes, porém continua com o encapsulamento do surdo na cultura ouvinte. Admite que os surdos tem de ser bi-linguistas e biculturalistas. Não esquece a questão de que o surdo precisa integrar-se numa sociedade de cultura ouvinte. Reconhece em parte a cultura surda. Ela se move entre o reconhecimento da diferença cultural e sua negação. O bilinguismo não reconhece ainda o status total da língua de sinais, oscilando entre a aceitação e o medo.

3. Ouvintismo de resistência: admite a possibilidade da alteridade, do diferente “surdo”, da identidade e a autonomia lingüística. É uma posição quase livre do ouvintismo.Uma posição que admite a existência do poder ouvinte.

A distinção entre surdos e ouvintes é inevitável. Em qualquer sociedade predominam formas multiculturais, sendo umas culturas mais poderosas que outras. A liderança produz um conceito com hegemonia para qualquer entendimento da vida cultural.

De maneira bastante constante e articulada, o ouvintismo de resistência pende, para a sua estratégia, dessa superioridade posicional. Foucault acentua que as relações de poder e saber são sempre uma resposta estratégica para uma necessidade urgente.

Pareceu-me que em certas formas de saber como a biologia, a economia política, a psiquiatria, a medicina, etc. se assumem melhor a força do ouvintismo, que incide negativamente sobre a comunidade surda. Ele se torna senhor de uma língua majoritária; as profissões de médico, professor, fonoaudiólogo, psicólogo... lhe dão a aparente superioridade. Além disso, um exame do imaginário ouvinte está exclusivamente baseado numa consciência soberana, segundo uma lógica detalhada pela realidade. É uma situação de acomodação diante do “eu superior”. É uma situação em que Scott (1995, p. 5) diz existir:

códigos disciplinares que punem,... justificam as proibições em termos de proteção do indivíduo do abuso por outros indivíduos, não em termos de proteção de membros dos grupos historicamente mal tratados pela discriminação, nem em termos das formas como a linguagem é usada para construir e reproduzir as assimetrias do poder.

Diante disso, pergunto-me repetidamente se o que importa no ouvintismo é um grupo geral de idéias que está permeado por doutrinas de superioridade, racismo, estereótipo, fantasia...?

E, essa espécie de segregação racial entre os surdos, existe? Como existe? Por que existe?

Bárbara de García (1997), durante o IV Congresso Latino-Americano de Educação Bilingüe para Surdos, realizado em Bogotá, Colômbia, falou sobre a existência do racismo entre os surdos. A sua contribuição é claramente sobre a existência de discriminação racial das crianças surdas norte-americanas em relação às crianças surdas mexicanas. Ela afirma que as crianças surdas mexicanas sofrem ao serem admitidas em escolas de surdos em vista de a língua americana de sinais - ASL 17 - ser diferente da língua mexicana de sinais. Isso é inevitável pois a língua de sinais não é universal, e como as línguas orais, também apresenta variações - na sinalização - jamais se repetindo. Daí resulta o fato de que, se a criança surda não sabe a ASL é considerada pobre, ignorante, menos dotada em relação à capacidade de adquirir conhecimentos.

Existe racismo no Brasil? Racismo entre os surdos não é um termo normal. Consegue-se, vê-lo, no entanto, sob o prisma da discriminação, como em outras culturas.Existe, quando a mulher trabalhadora surda e negra é secundarizada em relação ao homem trabalhador surdo e branco. Em vista do capital cultural dos surdos, noto que, geralmente, há preferências. Estudantes surdos de nossa capital entram em longas diferenciações. Os estudantes surdos de classe média encontram um discurso com códigos lingüísticos mais sofisticados, ao passo que surdos de classe trabalhadora têm códigos lingüísticos mais restritos. Isso influi na diferenciação das identidades surdas o que pode ser também objeto de discriminação.

Felizmente, o ouvintismo dá lugar para as organizações surdas, que se unem em resistências constitutivas de movimentos. O movimento surdo é a auto defessa apresentada.

3.3 Política surda e resistência

Estou entrando aqui na temática de resistência surda, um problema bem visível na nossa história. A oralidade a que o surdo foi submetido nos principais pontos de educação deu início ao movimento das Associações de Surdos. Nas associações de surdos, a resistência surda contra a ideologia ouvinte deu inicio aos movimentos surdos, inclusive como ONG. O movimento surdo é responsável pelo novo impasse na vida do surdo, pelo sentir-se surdo: em resumo, pela política da identidade surda. É no movimento surdo onde estamos mais próximos do início do poder surdo em relação ao poder ouvinte, onde surge uma proximidade dinâmica da identidade surda que denominamos política da identidade que tem sua força na alteridade e que guarda as fronteiras da identidade surda como tal. Por que surge a resistência surda? Ela é uma força contra o poder ouvinte de ideologia dominante ouvintista.

Em Foucault (1990, p. 24) há uma descrição desse poder:

“Poder é gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando ao máximo suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e constituído de suas capacidades.”

Esse tipo de poder descrito por Foucault revela o distanciamento que existe nas instituições que mantêm práticas discursivas incorporadas a processos técnicos de atuação hegemônica; as resistências dos surdos diante do ouvintismo; a quebra de estereótipos para a legitimidade da experiência surda na luta contra teorias que operam como forma de controle social; a aquisição da língua de sinais como primeira língua, a

exclusão da participação no movimento tecnológico que aborde o específico surdo, particularmente ao que se refere aos meios de comunicação; a existência de uma política da identidade surda tem feito com que o movimento surdo seja uma realidade hoje, que sustenta a política da identidade surda.

Como movimento, também o movimento surdo apresenta pontos comuns aos movimentos sociais de nosso tempo. Foucault (1995, p. 234) define 6 pontos comuns nos movimentos de resistência:

1. *Lutas transversais; isso é, não limitadas a um país.* As relações existentes no movimento surdo tem sua central na Federação Mundial de Surdos 18 - FMS e dessa passa aos organismos filiados. Mas, nem sempre as resistências surdas são necessariamente nesse centro. Elas assumem posições locais e podem se dar entre surdo e ouvinte ou em grupos onde militam surdos e ouvintes. Dentro dessa relação, diz Veiga-Neto (1995, p. 32),

O poder se manifesta em todas as relações, como uma ação sobre outras ações possíveis, as resistências tem de se dar dentro da própria trama social e não a partir de algum lugar externo: simplesmente porque não há exterioridades. A trama se constrói, se altera, se rompe em alguns pontos, se religa depois, ali ou em outros pontos, a partir desse jogo de relações de força ....

Assim sendo, essas forças de resistência são construídas no interior de processos de representação da alteridade.

2. *O objetivo destas lutas são os efeitos do poder enquanto tal.* O objetivo do movimento surdo é revelar as forças subjacentes nos estereótipos encontrados nas diversas instituições sociais, bem como, as interpretações de surdos ou ouvintes isolados não constantes da cultura surda; questionar a natureza ideológica de suas experiências, ajudar os surdos a descobrirem interconexões entre a comunidade cultural e o contexto social em geral, em suma, engajar-se na dialética do sujeito surdo.

O movimento surdo não visa a desencadear lutas apenas. As lutas são os efeitos do poder, enquanto tal, existente na sociedade e que busca novo poder. As lutas sempre propõem novas movimentações que giram em torno da questão “por que o poder ouvinte faz, determina e impõe tal coisa presente?” Tenho que com o movimento surdo, a comunidade surda transforma sua identidade de grupo estigmatizado para grupo valorizado contra a injustiça presente.

3. *São lutas imediatas por duas razões. Em tais lutas, criticam-se as instâncias de poder que lhe são próximas, aquelas que exercem sua ação sobre os indivíduos.* O direito à vida, à cultura, à arte, à história, à participação política, ao trabalho, ao bem estar leva a pensar uma esfera pública de luta central das mais simples para as mais amplas e mais descentralizadas. Isso faz com que as lutas surjam imediatas ou não após a constatação do problema.

4. *São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais.* No movimento estão presentes surdos e ouvintes solidários que se unem numa oposição aos efeitos das forças ouvintes. O sucesso desta união se deve aos

objetivos gerais preestabelecidos do movimento. Como todos os movimentos sociais, o movimento surdo assume uma caminhada política. Mas, mesmo que busque uma política voltada exclusivamente aos surdos, nem sempre o movimento se apresenta em sua totalidade e pureza. Muitos surdos discordam de algumas medidas. Novamente a causa de muitas lutas inacabadas, a tendência aparentemente insegura da comunidade surda com respeito ao movimento, a sensação de que nem tudo é pelo surdo, o perigo de deslizar por locais cujas instituições pouco vão avançar. Isso, conforme Foucault, nos coloca em alerta para as posições onde necessitamos colocar sob suspeita os fundamentos racionalistas e humanistas que sustentam nossos discursos e práticas e que nos promete utopias. A formulação comum de uma série de objetivos e estratégias de ação na perspectiva surda, focaliza a perspectiva de uma sociedade onde os surdos são cidadãos normais e onde a justiça social se concretiza na resistência a todas as formas de discriminação e exclusões sociais.

Este é o fator fundamental na existência do movimento que, lutando pelo surdo, resiste à complexidade da cultura vigente. E essa resistência não é no sentido de excluir a cultura vigente, mas no sentido de abrir o acesso a ela de uma forma onde se sobressaia a diferença.

5. *São uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios de saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadas impostas às pessoas.* Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social. É um desafio contra todas as formas que tendem a limitar, ao invés de prosseguir aprimorando o projeto de emancipação humana.

6. *Finalmente todas essas lutas contemporâneas giram em torno da questão de quem somos nós? Elas são uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação cientifica e administrativa que determina quem somos.* O conceito epistemológico surdo se presta para qualquer teoria e política surda. Existem os surdos? Sim. é preciso definir os surdos por suas atividades e discursos que acontecem a partir dos limites da participação política. Os surdos têm consciência de ser diferentes. Essa consciência é sentida no dia-a-dia pela por F. que contesta a educação do surdo entre os ouvintes:

Vou dizer-te o que entendo sobre a integração do surdo em nosso Estado. É provável que a educação especial, no sentido como estava sendo efetuada, com uma presença marcante de fonos, médicos, psicólogos, assistência social, assim sendo, o surdo tinha uma assistência totalmente voltada para a oralização: aprendizagem da fala, leitura labial, treinamento auditivo, aprendizagem de português escrito, uso de prótese para captar restos auditivos... Todos os profissionais citados tiveram seu tempo na educação do surdo. E este método educacional era dispendioso. Uma outra opção é a das APAES que possuem atendimento coletivo aos deficientes em suas instituições. Os surdos que saem de lá são marcados pelos sinais exteriores que captam no cego, no deficiente mental. Eles parecem não aprender. *Feito isso conseguiu-se ver o surdo como uma pessoa que aprende normalmente e sem*

gastos maiores ele poderia muito bem estar junto a pessoas "normais".

Nós da FENEIS consideramos que a educação do surdo está muito pobre. Nós intuímos que a educação do surdo não deve ser bimodal ou bilingual (bilingüe), deve ser educação do surdo, deve ter por base a língua d sinais mesmo que se presta para toda e qualquer transmissão de conhecimentos tem de ser na língua de sinais

Queremos uma educação do surdo dentro da língua de sinais, como língua de base para a aprendizagem, com professor surdo. O governo não desce até nós, não lhe interessa nossa proposta (F.).

Sem dúvida, o movimento surdo parte para a divisão do mundo surdo em esferas de influência cultural, visto que se aferra à sua cultura nativa, ao poder surdo, poder vindo da resistência que o movimento promove. Ali emergem as relações de poder no que Foucault refere como discurso ou família de conceitos. Os discursos ouvintes são feitos de práticas discursivas marcadas por estereótipos. Os teóricos ouvintistas ditam regras que regulam o que deve ser dito e o que deve permanecer no silêncio. O discurso surdo inverte a ordem ouvintista, tem o peso da resistência. Rompe e contesta as práticas historicamente impostas pelo ouvintismo. E o discurso surdo no movimento continua na busca de poder e autonomia.

Ele, como movimento, é um fenômeno discursivo localizado entre as referencias da vida pessoal e política surda. Engloba a luta do surdo - não na sua totalidade de população surda - pressionada e marcada pela subalternidade, vítima da ideologia dominante compartilhada pela maioria dos indivíduos mas simplesmente tendo as vozes dos surdos como ponto de partida para a busca do:

3.4 Eu sou surdo?

"Eu sou surdo?" Essa é uma questão inevitável com a qual o surdo se encontra em um momento da vida. É o fato de perceber-se diferente. Todo o contexto dos relatos surdos, as diferentes experiências, narradas nas diversas fases da vida, controlam de modo a levar o surdo ao confronto consigo mesmo. O surdo convive com uma sociedade culturalmente esterilizada que o estimula a viver a identidade moldada numa representação tipo iluminista.

Vejo isto no depoimento de S., surda de 28 anos, falando sobre seu mundo, no encontro com o "eu sou surda".

Quando eu era pequena não me importava em ser surda, estava com surdos. Isso até que fui para a escola de ouvintes. Aí foi a minha decepção, o choque comigo mesma. Sentia o diferente surdo e o diferente ouvinte. Não desejava mais ser surda. Queria ser ouvinte, queria falar. Chorei muito por isso. Quando enfim retornei à Escola de Surdos acabou meu sofrimento. O que aconteceu é que eu era sozinha entre os ouvintes. Quando eu tenho amigos surdos isto é melhor, tem sinais - Língua de Sinais - me sinto mais calma e estou feliz. Eu gosto de ser surda mas é muito difícil. Eu gostaria mais de ouvir. Acho difícil ser surda, muito difícil. Agora está melhorando porque os surdos estão lutando para ter coisas nossas. O difícil é aceitarem a gente trabalhando em qualquer profissão.

Tempo aconteceu que eu tive de viver numa cidade do interior. Eu me sentia sozinha. Havia outros surdos mas eles não tinham minha comunicação. Inclusive os surdos estavam muito fechados, escondidos pela família, eles não saíam de casa. Tem muito surdo em casa. A mãe de uma surda fez campanha para tirar os surdos de casa. A Ignorância é muita. Houve tempo em que fui ensinar sinais para eles na classe de surdos (S.).

O encontro do surdo consigo mesmo é um dado que pode despertar reações diversas. É conveniente falar sobre ser surdo e sobre surdos, a cultura surda... mas, isso pode incitar os surdos a deixar a cultura vigente? A resposta é não. Todos os surdos desejam permanecer na cultura de seus pais, isso é certo. Porém, a cultura geral fala alto demais para dar espaço à cultura surda.

Esta é uma alternância que impede a pessoa surda de se declarar surdo. No entanto, quando o surdo olha para si mesmo, conhecedor de sua diferença, ele constantemente repete a frase: "é difícil..." Por que isso? O mundo ouvinte é difícil de entender ou é difícil a cultura do som que não chega aos ouvidos. Sim, trata-se da cultura do som, apenas a complicada cultura do som, nada mais.

Eu sou surdo, continua a ser a frase presente. Sou surdo e é difícil. Mas esse difícil some no momento da diferença. O conhecimento da diferença aproxima o surdo de si mesmo e o remete a um estado incorporado com disposições no estado subjetivizado, com artefatos culturais. Eu sou surdo desponta, então, como o status social do sujeito. Isto significa que a depreciação social do surdo influi grandemente no presente. Por estarem ligados a um sistema injusto, eles sofrem o confronto constante de si. O difícil acontece em vista dos traços de caráter de práticas sociais específicas.

Quanto ao uso do termo "surdo", o sociólogo surdo Yerker Andersson. encontrou, na sua pesquisa, treze termos 19. entre os cientistas e educadores ouvintes Para Andersson (1997, p. 2):

As pessoas surdas na maioria dos países têm insistido desde a Segunda Guerra Mundial que o velho termo "surdo" ainda é bom."... Os surdos adultos chamaram a si mesmos de "o mundo surdo" no passado, mas os novos substitutos "cultura surda" e "a comunidade surda" ou seus equivalentes em outras línguas ainda não foram aceitos na maioria dos países. A pergunta então é se as pessoas surdas deveriam adotar os termos criados pelos cientistas e educadores.
Nos Estados Unidos alguns cientistas (Padden 1980, Lane 1984 e Sacks 1988) foram mais longe propondo que o termo "surdo" fosse escrito com letra maiúscula. Esse novo termo destina-se aqueles surdos que entraram para uma comunidade lingüística diferente ou uma cultura diferente. O velho termo "surdo" deveria referir-se à condição audiológica de surdez. Como a maioria das pessoas surdas não tomou qualquer posição a respeito desta proposta eu não usarei o termo "Surdo" com maiúscula.

O gosto de ser surdo, de ter sua vida, de apreciar viver com a cultura surda, emerge, no entanto, como um fenômeno sócio-cultural presente.

A. é um ator surdo e sinaliza a respeito de seu gostar de ser surdo:

Eu me expresso como surdo e isso me dá um certo sentimento de bem-estar, de ser

surdo como outros surdos. Aquilo que ele tem eu tenho também, eu me identifico com ele. Nossa comunicação entre surdos é perfeita. Quando o ouvinte está a nossa frente é diferente. Ele junta a articulação labial, os fonemas e os sinais, o que é errado. Ele não faz distinção masculino e feminino e outras coisas e há diferença no ritmo da sinalização. Se é um profissional intérprete então dá, fica mais fácil. Uma boa comunicação em LIBRAS: somente a do surdo é em língua de sinais pura.

A expressão surda é teatral, a do ouvinte é amorfa. A do surdo tem expressão facial bastante desenvolvida. O ouvinte tem uma expressão "dura" ao usar a LIBRAS. O surdo tem uma expressão predominantemente visual.

Nasci surdo, acostumei-me com esse "cheiro surdo". Se por acaso acontecesse um milagre e eu pudesse ouvir, eu não me sentiria mais eu mesmo. Como iria dar conta do ouvir se minha comunicação é pelos olhos e não pelos ouvidos. Eu não me sentiria mais a mesma pessoa. Acho que esta é minha vida, meu jeito de ser.

Meu pai é surdo, minha mãe é ouvinte. Me acostumei assim. Entendo meu pai e muito pouco minha mãe. Aprendi muito com meu pai ele tem 5 irmãos surdos.

Esta situaçao vivida por A. está sugerindo o direito dos surdos, marginalizados como são de representar-se como surdos nos domínios políticos e intelectuais que normalmente excluem os surdos da participação e usurpam sua significação.

3.5 Nomear o sujeito surdo

Nomear o sujeito surdo requer nomeá-lo na alteridade. A melhor versão que pude conseguir ao escutar a história dos surdos foi o "direito de ser surdo". No momento da pesquisa tive contato com a ressonância dos sonhos e desejos vividos pelos surdos. A visão se torna algo apaixonante, um campo controverso e complexo.

Muitos surdos têm conhecimento da situação em que vivem, suas experiências atestam uma nova maneira de ser e sinalizar para outros olhares na pesquisa. Na história que relato em breve, estou frente a frente com uma maneira própria de ser, de resistir, de viver do surdo. A maneira de resistir do sujeito A., no momento em que o encorajei a relatar como se vê como sujeito surdo, foi uma versão de indignação pelas injustiças presenciadas no sistema escolar..

Novamente, A., ele tem 20 anos, é surdo.

Pergunta: Se você for professor surdo, teu futuro...?
Bem, eu não vou brincar. Se for contratado como professor de surdos, meu jeito de expressão é natural, é fonte de rápida transmissão. Afinal eu tenho um jeito corporal - próprio da linguagem do corpo dos surdos - de transmissão de conhecimento que o professor ouvinte não tem. Eu tenho aquele captar visual de que o surdo precisa e o ouvinte não tem. Isso possibilita um entendimento mais rápido (A.).

A. é capaz de se perceber surdo, portador de uma identidade diferente. Ele resiste ao discurso autoritário do ouvinte baseado numa idéia ouvintista de desautorizar o "surdo", diante da qual ele não é objeto passivo, é ativo é critico. Ele trabalha a construção de

uma análise sensível - política e histórica - das práticas sociais, a fim de oferecer-lhes resistência, transformando-as.

A História de A. prossegue nomeando o ser surdo como sujeito com herança, com lar, e experiência vivida.

Existem poucos sujeitos como A. Isso evidencia o fato de que nem todos os sujeitos surdos sentem-se marcados pela ideologia em relação ao estigma da surdez.

A. resiste e continua com sua idéia pré concebida de identidade surda. A sua idéia de identidade não é homogeneizada nem hibridizada. Novamente é A. quem fala:

Pergunta: Você faz distinção entre teatro para ouvintes e surdos? *Sim. Como ator surdo tenho de saber com que público estamos. Se são surdos, a expressão é fácil, a comunicação é maior porque a captação é rápida. Se ouvintes, então exige uma ação mais intensificada. Nesse caso os sinais são repetidos, a expressão é mais demorada para possibilitar um quadro visual mais amplo - o ouvinte tem comunicação visual menos desenvolvida que o surdo - com expressão visual amplificada para que o ouvinte possa entender. Importa uma intensa expressão corporal. Usamos a técnica de repetição. Se o publico é de surdos e ouvintes encenamos para ouvintes. O surdo tem de se contentar com a linguagem mais amena, simplificada (A).*

O que está fazendo acontecer essa resistência da identidade surda em A.? É uma resistência agressiva? Nota-se que essa resistência tem cunho de afirmação da identidade existente. A tarefa de descrevê-la e reconceitualizar a identidade surda e seu papel na sociedade precisa ser empreendida. Esse é um campo politicamente importante para olhares pós-modernos.

A pedagogia que o surdo apresenta na constituição da identidade é a direção que deveria ser seguida. As tentativas de escrever a identidade surda mereceram a reflexão a respeito do quanto essa identidade foi silenciada, apagada, não referenciada num modo de representação surdo.

A identidade surda sobrevive e se move para além de uma celebração em termos de nacionalismo, raça, etnia. Ela está presente e continua a existir ao lado de uma larga gama de diferenças. Pessoas surdas podem ser brancas, Índias, sulamericanas, mas jamais se separam do caráter político de suas identidades a não ser que sejam obrigadas a viver dispersas.

3.6 Solidariedade na construção da identidade surda

A construção de significados que se desenvolvem fora das fronteiras da comunidade surda tem levado seguidamente à construção de novas relações surdosouvintes a fim de legitimarem significados discursivos que apoiem a diferença mesmo numa violação corajosa da normalidade. Isso dá início a uma solidariedade multicultural surdos e ouvintes, não negando também ao encontro da construção de novos e diferentes tipos de identidades.

Uma noção de solidariedade, segundo Simone 20 (1989) entre surdos e ouvintes poderia ser fornecida assim: não são todos que pensam do mesmo modo, mas igualmente planejam juntos, a partir de "*uma orientação, para maximizar os pontos de interação, ao invés de harmonizar e equilibrar a distribuição de corpos, recursos e territórios*", transforma as relações dominantes que limitam este acesso e estabelecem as diferenças.

Que exista uma solidariedade multicultural não se pode negar. Ela está presente na comunidade surda onde quer que ela exista. Porém, essa solidariedade precisa ser distingüida para não se conceber uma outra identidade, uma outra resistência que afirma a diferença, mas que ainda não pode ser absorvida no chão estático da comunidade surda.

Assim, marginalizado, o surdo encontra tipos diversos de solidariedade. Neste estudo quero me deter a analisar as relações de solidariedade, visíveis nas narrativas dos surdos. Saliento que muitas vezes o relacionamento solidário pode encarar formas de opressão que se devem ao confronto com as estruturas que existem na sociedade. Procuro ver os encontros de solidariedade em quatro diferentes divisões sociais que estão presentes na visão da comunidade surda:

1. Aqueles encontros que somente têm em vista inscrições ideológicas e discursos de desejo multiplamente organizados através de uma política de significação ouvintista e somente admitem linguagem e conhecimentos que aproximem os surdos aos ouvintes, excluindo todo e qualquer contato com o diferente. Nesta direção, está a seguinte posição dos ouvintes colonizadores, descrita pela adolescente surda E.:

Minha mãe pediu para fazer exercícios de fala na clínica. Tudo bem, procurou a clínica e lá fui eu de ônibus. Chegando lá fiquei indecisa. Esperei minha vez. A assistente disse: você precisa oralizar para mim escutar. O problema está aí, eu sei: oralizar, escutar.

Começamos o exercício. Primeira palavra é bola. Tudo bem, eu precisava escutar o som. A assistente escondeu o rosto com a folha de papel. Eu tinha fone nos ouvidos. Eu não sei o som da palavra bola e não entendi. A assistente diz que eu preciso oralizar. Eu não entendo porque oralizar. Eu sou surda, ela ouve, é fácil para ela.

A seguir ela corrige meus exercícios de fala:
bola: errei
bola: errei
bola: errei

Com auxílio do fone eu tento decifrar os sons que ela fala atrás da folha de papel para que eu não leia os lábios. Nada escuto e deixo ela continuar seus esforços eu fico na minha. Mais palavras...
mole: errei
panela: errei
pa-ne-la: acertei (?)
melão: confusa
xale: confusa

Sei o que significa xale (manto de mulher ou pequena casa) porque vi o sinal da

palavra, mas ouvir o que ela diz eu não consigo, nem entender o que seria esta palavra. Para o ouvinte é fácil percebê-la, eu não a percebo (E).

A jovem surda explicou que após este diálogo seguiu-se uma série de exercícios para a pronúncia correta da palavra. E. não consegue conter sua raiva diante desta situação. Em casa, a mãe a pressiona fortemente para que fale corretamente as palavras não importa se as entenda ou não. E. descobriu que a fonoaudióloga contatava com sua mãe via telefone. Isso aumentou sua revolta. Deste fato E. tece uma série de considerações:

O que é pronunciar bem esta palavra? Por que eu tenho de fazê-lo mil vezes e M. diz que não está correta a pronúncia? Que significado tem esta palavra? Que diz sua pronúncia? Eu sou surda, ela é ouvinte e isto é diferente. Ela tem facilidade de falar, eu não, eu tenho meus sinais, minha LIBRAS. Se entendesse o que está dizendo, se pudesse compreender. Para que vou pronunciar se isto não tem sentido para mim?(E.).

Neste ponto E. é vítima, ela busca ter saídas. Mesmo reconhecendo sua diferença ela sente que é forçada. É obrigada a entender o que não é dela. Ela sente o poder do inaceitável, e consegue desafiar o cenário da hierarquia discursiva e contestar a maneira pela qual está sendo policiada. Porém, a mãe e a assistente continuam a manipulá-la enquanto têm autoridade sobre ela.

2. Aqueles que chegaram a ponto de esconder a identidade surda e que tem interesses mascarados, racionalizados, naturalizados denomino de surdos colonizados e colonizadores. Eles se colocam em nome das formas de poder do ouvinte e apresentam a cópia desbotada da identidade ouvinte. Aqui entra a vivência sob a ideologia das formações discursivas por causa do modelo de aquisição do conhecimento ouvinte, cuja aplicação ao surdo é inadequada. *Surdos colonizados e colonizadores* no ponto de vista do termo. O encontro com alguns deles se torna tenso para os surdos. Eles assumem uma posição de agressão contra as manifestações de solidariedade à identidade surda. Há dificuldades de abrir-se para a possibilidade da diferença de maneira que a particularidade do ser individual possa tornar-se visível.

3. Uma pedagogia necessariamente presente e facilmente perceptível são as atitudes dos ouvintes solidários. Seu conhecimento acerca da problemática do surdo, na qual a identidade é definida, é também objeto de luta. Eles tem uma narrativa que encoraja as pessoas surdas oprimidas a contestarem as instâncias ideológicas da sociedade que os mantêm como “estrangeiros em sua terra”. Suas posições contêm consciência, criatividade, ambição, coerência. Elas provocam distintas lutas e solidariedades. Escondem-se por trás do surdo, desenvolvendo com eles uma pedagogia que busca afastar do corpo social as patologias arraigadas do poder ouvinte.

4. Uma outra solidariedade é aquela que leva em conta os surdos no conceito epistemológico do termo. A identidade é construída através de diferenças e estas levam a viver com as políticas que mantêm a diferença. Uma aceitação da identidade surda com relação ao mundo também requer uma aceitação de um status diferente e a busca de atuações de acordo.Isto pode parecer simples, mas requer a necessidade, o seu oposto - o momento do fechamento. Requer, outrossim, a necessidade de significação, de narrativa, mais que tudo de tornar a narrativa a vivência na busca do status para a nova condição de vida. O que é colecionado como parte da identidade pessoal e

comunitariamente tem de ser monumentalizado, ou santualizado não como parte de um arquivo narrativo, mas como forma de fixar a identidade no sujeito, no ser.

Considerações Finais

Chegando ao final percebo o encontro com a identidade surda e sua importância para a caminhada da comunidade surda. A amnésia histórica continua existindo e forçando os surdos a não buscarem acordo com seus semelhantes e estes por sua vez, continuam a ignorar e a forçar barreiras impedindo a diferenca cultural existente. Os surdos e os ouvintes que simpatizam com a identidade surda, precisam tornar-se lutadores contra a certeza. É preciso começar desde logo a pensar a identidade do surdo: Como ele pode encontrar-se com a sua comunidade e cultura? Como ele vai viver uma política de identidade na diferença?

A caminhada - para a identidade surda - está sendo feita na medida que tomamos posições de resistência. Tendemos como movimento, a apontar problemas emergentes da hegemonia cultural e a participar da tentativa de apresentar soluções para esta hegemonia. Isso é importante. É preciso continuar, com os surdos, na reflexão sobre sua própria identidade. É preciso ir às camadas sociais, nas manifestações políticas e denunciar anunciando. É preciso sentar horas e horas para sentir um discurso ouvintista denunciando: "os surdos querem fazer gueto" e anunciar a presença de uma identidade surda.

Quem sabe os ouvintistas se comprometam junto aos surdos por um multiculturalismo atento à especificidade da diferença? Surdos e ouvintes solidários estarão construindo políticas de resistências que permitam a abertura de brechas na dominação cultural ouvinte? Que estrategias poderiam ser pensadas, focalizando o respeito aos direitos universais para as condições de desenvolvimento do sujeito cultural e de justiça?

Importa salientar a diferença das pessoas. Respeitá-las como surdas, índias, nômades, negras, brancas... Importa deixar os surdos construírem sua identidade e assinalarem suas fronteiras.

A diferença entre surdos e ouvintes advém, entre outros elementos, de comunicação visual construída pelo surdo. Isto faz parte da diferença cultural.

Notas

1 No plural, porque considero que já não é apenas uma identidade surda. Podia ser chamada de identidade surda, mas ela se apresenta em múltiplas representações.
2 A comunicação dos surdos é a comunicaçao visual. A língua de sinais não é universal, possui características bastante locais. No Capítulo II discuto melhor a sua evolução, desenvolvida no seio das comunidades surdas. Foi perseguida e esteve escondida, conseguiu sair do anonimato em alguns estados de nosso país. No mundo é oficializada em alguns países, em vias de aceitação noutros e proibida em alguns. No Brasil ela se chama Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Isso implica dizer que ela tem sua denominação diferente de acordo com o país de origem. Foi objeto de estudo de inúmeros lingüistas, entre os quas se sobressaem Stokoe (1960), Belugi e Klima (1977) nos EUA, no Brasil, Ferreira Brito (1993), Quadros (1997), outros.

3 Os termos como ouvintismo e ouvintização foram cunhados por Skliar (1997b, p. 259). Neste ponto outros termos derivados foram cunhados em nosso meio acadêmico como ouvintista, desouvintização,... frutos de uma concepção epistemológica onde os signos que constituem os termos são construídos dentro da concepção militante da vida surda.
4 Costa, M.V. (1996, p. 13) faz referência a uma conversa entre Foucault e Deleuze onde se alude a uma afirmação de Proust: ”encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate”.
5 A Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo - FENEIS é um órgão não governamental representativo dos surdos. Atualmente possui regionais no RS, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.
6 A Sociedade dos Surdos tem sua sede a Av. Salvador França, 1800.
7 Chela Sandoval, citada por Haraway (1991), considerando o surgimento histórico, no meio do feminismo, de uma nova voz política chamada mulheres de cor, teoriza sobre um modelo interessante de identidade política chamado “consciência oposicional”. Esta consciência oposicional, a meu ver, se aplica ao surdo enquanto ele tem a trazer uma cultura diferente para um mundo estruturado por uma cultura dominantemente ouvinte.
8 Deafness is a country whose history is rewritten from generation to generation. This is partly because of the satus of its native languages, partly because more than 90 percent of deaf children are born to hearing parents, and partly because of the curious and specific oppressions that constitue the histories of the deaf. Sign cultures, as well as the social “knowledge”of deafness, are necessarily reborn and remade with each generation.
9 Bhabha (1994, p. 176) diz que colocar a questão colonial significa ter em conta a questão problemática da diferença cultural e racial. Para ele, posicionar-se contra essa diferença significa colocar na prática a autoridade, através de estratégias discursivas e físicas, o poder descriminatório.
10 As filosofias de ensino mais comuns são: o oralismo, que é o holocausto lingüístico da língua de sinais. A sua implantação, como diz Skliar (1997b, p. 257): “foi feita com o consentimento e a cumplicidade da medicina e dos médicos, os profissionais para médicos, os pais e familiares dos surdos, os professores ouvintes, e, inclusive, com alguns surdos que representavam então e representam agora, os progressos inevitáveis da terapêutica, vale dizer, - o surdo que fala e da tecnologia - o surdo que escuta”. O bimodal é o método de uso da língua de sinais para ensinar português. Ele cria um novo sistema lingüístico que não o usado pelos surdos: português sinalizado que em parte foi o responsável pela atual situação cambaleante de muitos signos e sinais que interferem na estrutura da LIBRAS. O método de comunicação total admite oralismo, bimodalismo, arte, teatro,... em resumo, traz os mesmos efeitos da posição anterior. O bilingüismo, de recente implantação na América Latina e no Brasil, aproxima-se ao uso normal da língua de sinais. No entanto, no que tem de filosofia implantada pelo ouvinte, conserva em suas bases poderes ouvintes.
11A meu ver não descarto a hipótese da educação bilingüe ser uma proposta arqueológica de grupos decorrentes de movimentos articulados às resistências politico-culturais surdas, no entanto o perigo de interpretações do bilinguismo é ficar apenas no aspecto sociolinguístico. É preciso, primeiramente ver o que esta em jogo, se o negócio trata amplamente de buscar a correção da língua da comunidade surda. Precisa-se partir para a idéia de que a educação de surdos é mais abrangente que a educação lingüistica. A comunidade surda não é e não será nunca prisioneira de uma dualidade, línguas correntes no Brasil como o castelhano e o inglês também são necessárias. Outro perigo é sobre o bilinguismo com vistas a um final feliz o monolinguismo o que novamente

provocaria um gueto no sentido do fechamento da comunidade surda ou uma esmagadora hegemonia ouvinte.

12 Flutuante é o termo proposto por McLaren (1997a, p. 137) que, comentando em relação à branquidade, diz: “a habilidade do sujeito falante de mover-se para dentro da posição dele sem parecer ter deixado a posição do eu ou tu os quais são significantes vazios ou “flutuantes” que não possuem referente fora da situação imediata”.

13 Hall (1997, p. 17), ao usar este termo para designar as variadas posições do sujeito usa o conceito de deslocamento em Ernest Laclau (1990): “uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma polaridade de centros de poder”. Na História me ocorre que o sujeito surdo foi deslocado de seu centro e visto sob prismas iluministas/clinicalistas, e mais recentemente lingüisticos.

14 O Abade francês Charles de L’Epée(1712-1789), foi o primeiro diretor de uma Escola pública para Surdos (Instituto de Jovens Surdos de Paris).

15 Federação Mundial dos Surdos com sede em Elsinski, Finlândia

16 “Tifiti” é a pronúncia audível de “difícil” pelo surdo.

17 ASL - American Sign Language

18 A FMS tem sua sede atual na Finlândia. Seus objetivos são a favor de uma política de identidade surda. Ela tem se posicionado objetivamente, pedindo às nações o respeito pelo direito de ser surdo, inclusive, propondo a adoção destes direitos em todos os campos de atividades sociais.

19 Em inglés: Hearing impaired, Prelingually deaf, Poslingually deaf, Prevocationally deaf, Postvocationally deaf, aurally handicapped, Congenitally deaf, Adventiously deaf, Audiologically deaf, Hearing deficient, Deafned in adulthood, Marginally deaf, Socially deaf.

20 TimothyM. Simone é citado por McLaren (1997a, p. 132)

Bibliografia

ALVAREZ-URIA, F. A escola e o espírito do capitalismo. In COSTA, M.V. (Org.). Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995.

BEHARES, L., PELUSO, L. A língua materna dos surdos. Revista Espaço, Rio de Janeiro, p. 40-48, mar. 1997.

BELLUGI, U., KLIMA, E. Two faces of sign. Annals, New York: v. 280, p.514-537, 1977.

BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In HOLANDA, H. B. de (Org.). Pós-modernismo e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. (Tradução de: The location of culture.)

BOFF, L. A águia e a galinha. Petrópolis, Vozes, 1997.

COSTA. M.V. Novos olhares na pesquisa em educação. In. _____(Org.). Caminhos investigativos: novos olhares em pesquisa. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 9-17.

DREYFUS, H.L., RABINOW, P. Michel Foucault uma tragetória folosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

FERREIRA-BRITO, L. Integração social & surdez. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

FISCHER, R.M. A paixão de “trabalhar com” Foucault. In COSTA, M.V. Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 39-60

FOUCAULT, M.. Verdade e poder. In: MACHADO, R. (Org.) Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990. p 1-14.

FRIEDMAN, J. Ser no Mundo: Globalização e Localização. In FEATHERSTONE, M. (Org.) Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 329-348.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARAWAY, D.J. A cyborg manifesto: science, tecnology, and socialist-feminism in the later tweith century. Cap 8 (p 149-181de Haraway D J. Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature, Londres: Routledge, 1991. pp. 149-181

HOLANDA, H.B. de O feminismo como crítica da cultura: tendências e impasses. Rio de Janeiro, Rocco, 1994

LABORIT, E. O vôo da gaivota. São Paulo: Best Seller. 1994.

LASCHUK, A. O mundo surdo como uma minoria lingüística. Porto Alegre: 1997 (tradução de ANDERSSON, Y. The deaf world as a linguistic minority. In S. Prillwitz, T. Volhaber (Eds.), Proceedings of the International Congress on Sign Language Research and Application. Hamburg: Signum Press, p. 155-161.

LOPES, M. As atitudes do professor ouvinte da classe comum frente ao escolar surdo. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pósgraduação em Educação.

LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Pertrópolis: Vozes, 1997.

McLAREN, P. Multiculturalismo critico. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ A vida nas escolas - uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PADDEN, C. HUMPHRIES, T. Deaf in America - voices from a culture. London: Harvard University Press, 1988.

QUADROS, R. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROSE, P., KIGER, G. Intergroup relations: political action and identity in the deaf comunity. Disability & Society, v. 10, n 4, p. 1995.

SCOTT, J.W Multiculturalism and the politics of identy. In: RACJCHMAN, J. (Org.). The identy in question. Nova York. Routledge, 1995. (Tradução brasileira de Tomáz Tadeu da Silva)

SKLIAR,C.B La Educación de los sordos: una reconstrucción histórica cognitiva y pedagógica. Mendoza: EDIUNC, 1997

_____. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In SILVA, L da., AZEVEDO J. C. & SANTOS E. Identidade Social e Construção do Conhecimento. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1997. p. 242-306.

SILVA, T.T. O adeus as metanarrativas educacionais. In.: _____(Org) O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994

_________. Contrabando, incidentes de fronteira: ensaios de estudos culturais em educação. Porto Alegre. 1998.

_________A política e a epistemologia do corpo normalizado. Porto Alegre, 1997.

SOUZA, R. Nas nervuras da história a emergência da língua de sinais como objeto de investigação cientifica. In Que palavra te falta? São Paulo, Martins Fontes, no prelo, 1998.

STAM, R. & SHOHAT, E. Estereótipo, realismo e representação racial. Imagens, local, n. 5: p. 70-84, ago./dez. 1995.

STOKOE, W. Sign language structures: an outline of the visual communication system of the American deaf. Studies in lingustics. Búfalo. New York.1960. Ocasional papers, v. 8.

VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol?

In________. (Org.) Critica pós estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VISITANDO o acervo do INES. Reprodução de documentos históricos pertencentes à biblioteca do INES. Revista Espaço do INES, Rio de Janeiro, v.1, p. 37-44, julh/.dez. 1996.

WIDELL, J. Fases Históricas da Cultura Surda. Revista GELES, v. 5, n°6, p. 1992.

WORLD FEDERATION OF THE DEAF. the Scientific Comission on Sign Language Report on the status of sign language. by. Helsinski, Finland: WFD, data (Tradução brasileira de Marianna Stumpf)

WRIGLEY. O. The politics of deafness.Washingnton, Gallaudet University Press, 1996.